

Ilustração Brasileira

ANO XXVI — NUMERO 155 — MARÇO, 1948 — PREÇO CR\$ 10,00

ORLANDO
MATTO



Ilustração Brasileira

Mensário editado pela Sociedade Anônima "O MALHO"

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

Grande premio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940. — Orgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922 e do Centenario da Pacificação dos Movimentos Politicos de 1842.

Redação e administração: Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745
Caixa Postal 880 — End. teleg.: "O MALHO" — Rio

PREÇO DAS ASSINATURAS (REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:		Demais países:	
12 meses	Cr\$ 120,00	Cr\$ 140,00
6 meses	Cr\$ 60,00	Cr\$ 70,00

NÚMERO AVULSO Cr\$ 10,00





CIA de CIGARROS

P. FERRAZ

Souza Cruz

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
DR. FRIDEL

(CHEFE DA CLINICA
DR. WITTRÖCK)

Tratamento dos vômitos, diarreia,
anemia, fastio, tuberculose sífilis e
moléstias da pele.

RAIOS ULTRA-VIOLETA
Av. Rio Branco, 114 - 13.º andar

Telefone: — 22-0713
Residência: Tel. 25-6692

DR. OSWALDO SERRA
DA
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Pele e Sífilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alérgicos, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pele pelo RADIUM (Radio-terapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório: Rua 13 de Maio, 23 —
Edifício Dante-7.º and. — salas 723/4.
Consultas diárias das 16 às 19 horas
exceto aos sábados.

Limpe a pele, uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
À VENDA EM TODA A PARTE

DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PÉLE E SÍFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa. — Consultas: rua do Ouvidor, 183 5.º andar - sala 504 - nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 16 às 17,30 horas.



Blusas de renda de tricô, em modelos especialmente feitos para a revista que todas as mulheres admiram: Arte de Bordar Sugestões para roupinhas infantis e para o belo sexo. Nas livrarias e bancas de jornais. Cr\$ 7,00. Pedidos também pelo Reembolso Postal, à S. A. O Malho, à Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar. Rio.

Curiosidades do BRASIL

A esquadra de Fernão de Magalhães no Rio em 1519

Em 20 de Setembro de 1519 saíram de S. Lucar de Barrameda, cinco navios a vela, sob o comando de Fernão de Magalhães, português, a serviço de Espanha. Denominavam-se *Trinidad*, a capitânea, *Concepcion*, *Santo Antonio*, *Victoria* e *Santiago*. A tripulação compunha-se de duzentos e trinta e sete pessoas. A 26 chegaram a Tenerife, onde se admiraram da arvore que dava agua, produto das neves que se derretiam, e que oferecia uma agradável bebida. A 3 passaram às Ilhas de Cabo Verde, daí à Serra da Leão, na Costa da Guiné.

Pigafeta, o cronista unico da esquadra de Magalhães, falta na aparição do *Santelmo*, uma imensa aureola de luz que pairava depois das borrascas no mastro maior. Todas as Igrejas em honra de S. Telmo, ou as chamadas do *Corpo Santo*, são tributos de naufragos ao aportarem ao porto de destino.

A 15 de Dezembro de 1519 chegaram ao Rio de Janeiro, chamando ao porto de S. Luzia, por ser dia onomastico da santa, presumivelmente no mesmo local que ainda conserva este nome, porque figurou, posteriormente, em varios mapas portulanos.

Os navegantes tinham um excelente ponto de referencia: diziam que a torre onde haviam aportado era a mesma do Cabo de S. Agostinho, uma continuação...

O cronista ficou admirado dos ananazes, das canas de assucar, da carne da anta, e, sobretudo, dos carás, das macaxeiras, assim como da abundancia de galinhas. Não nos admiremos de encontrar galinhas no Rio de Janeiro em 1519, quando Pero Vaz Caminha, em Porto Seguro, acrescentou na sua tão conhecida carta, que os indios tinham medo dessas aves, donde concluiu que não as possuíam... É que por ali passaram varios navegadores! Vespucci, João Dias de Solis; e havia um português que há quatro anos residia em Cabo Frio. Era João de Carvalho, pae de um menino filho de uma india com ele. Ambos partiram com a expedição, tendo o menino sido aprisionado por indios proximo do lugar onde morreu Fernando de Magalhães.

Ouçamos Pigafeta: "Fizemos tambem trocas vantajosissimas. Por um anzól ou por uma faca, nos deram cinco ou seis galinhas; por um pente dois gansos; por um espelho ou uma tesoura, peixe suficiente para o almoço de dez pessoas, por um guiso de cascavel ou por uma cinta, um cesto de carás e macaxeiras".

O melhor negocio que os navegantes fizeram foi com cartas de jogar. "por um rei de ouros deram seis galinhas".

Porem o nosso Antonio Pigafeta, o unico cronista da expedição, apesar do relato de Francisco Albo, e de Maximiliano Transilvanius, tem evidentes confusões, o que mostra ser reconstrução feita deante de dados esparços. Diz, por exemplo, que os indios do Rio de Janeiro, chamavam as casas de *boi*, quando boi em tupy-guarany sempre foi cobra. Aliás pronuncia-se *Môí*, e grafa-se com o som brasileiro *Mbôí*. Dormiam em redes chamadas *hamacas*, o que supomos não possa ser verdade porquanto nos parece que *hamaca* é palavra *Quimica*, idioma oficial dos incas. As embarcações eram chamadas *canôas*, o que não é exato. Comiam carne humana, não para satisfazer suas fomes, mas de odio ao inimigo. Tinham um rei, a que chamavam *Cacique*, afirmativa carente de verdade porque o chefe indio denominava-se *Morubixaba*, ou *Moruuixaua*, que por um fenomeno natural de desgaste, numa lingua pouco falada entre nós, passou a ser *Tuxaua*.

Usavam uma especie de casaquinho de penas de papagaio, sendo que as maiores eram distribuidas na cintura, ao redor dos rins. Todos os homens tinham os labios com tres furos, onde punham uma pedra como enfeite.

Comiam pão cuja medula tinha a semelhança do leite coalhado. Este pão ainda existe no Peru.

Tiraram os pêlos do corpo, o que é referido por todos os cronistas dessa epoca. Acreditava Pigafeta que os indios do Rio de Janeiro atingiam 125 a 130 anos, o que pode calcular pelas varias gerações que lhe foram apresentadas.

Por um facão ofereciam uma india, apesar de que os homens que tinham mulheres eram ciumentos, e estas por sua vez, muito fiéis.

Finalmente nos ultimos dias da estada de Fernão de Magalhães uma das indias que entrou a bordo tomou de um prego do tamanho de um dedo, e o fez desaparecer de uma maneira incrível.

A 27 de Dezembro de 1519 partiram, para dentro de dias, entraram no Rio da Prata. Levaram outro indio do Rio de Janeiro, que morreu, além do filho de João Carvalho.

Tantos foram os desastres, tantos e sem conta, que voltaram somente dezoito homens, com uma nau, com o casco furado, sob o comando do mestre da Capitanea, Sebastião del Cano, a quem coube a gloria de Fernando de Magalhães.

Notou Pigafeta que, comparando o seu *Diário* com as informações de terra, ti-

nham ganhado um dia ao dar a volta ao mundo.

Ele anotara 5.^a feira, e era sexta. Navegando ao curso do sol, voltando ao mesmo sitio, avançaram 24 horas ...

Chegaram à Espanha, a 22 de Dezembro de 1522: "terça-feira chegamos a Sevilha, saltamos em terra em camisa, descalços, com um cirio na mão, e fomos à Igreja de N. S. da Vitoria e a de Santa Maria a antiga, como havíamos prometido nos momentos de angustia".

Eis a volta da expedição que descobriu a passagem do Oceano Atlantico para o Oceano Pacifico: o Estreito de Magalhães.

Henrique Gonzalez

GUERRA DOS EMBOABAS

Chegando a São Paulo, a noticia das ricas minas de ouro encontradas em Sabará e nos distritos vizinhos, partiram com uma bandeira os paulistas Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno. Apenas chegados ao seu destino confirmaram-se a existencia do precioso metal, remetendo amostras à Corte de Lisboa e obtendo por isso as nomeações de Guarda-Mór e de Escrivão de Minas. Bandos numerosos de aventureiros de todas as condições, correram para aquelas terras auríferas, que se chamaram então "Minas Geraes dos Cataguás", nome dos indios coroados ali existentes. Entre os ambiciosos exploradores avultaram principalmente os portugueses, a quem em breve o ciúme e cobiça separaram dos paulistas, que os chamavam de forasteiros, ou modo do gentio de "emboabas", ou simplesmente "boabas". A inveja tornou-se odio. Os paulistas comandados por Domingos da Silva Monteiro e os "emboabas" capitaneados por Manoel Nunes I Vana, vieram em 1708, junto ao rio que recebeu a triste denominação de "Rio das Mortes", pela mortandade que resultou desse combate, no qual foram destruídos os portugueses. Mas em breve simulou o chefe destes querer conciliar-se e apanhando de surpresa e desarmados os paulistas, ataca-os e derrota-os, e persegue-os sem piedade, obrigando aqueles que escaparam à morte, a fugir para São Paulo, onde ouvem das suas mães, esposas e irmãs, a belicosa intimação de que, para serem bem recebidos por ela, precisavam primeiro vingar-se dos "emboabas".

Prontos já se mostravam os paulistas para recommençar a guerra, quando a corte de Lisboa fez serenar os espiritos, perdendo os sublevados e creando por Carta — Regia de 3 de Novembro de 1709, a Capitania de São Paulo e Minas, independente da do Rio de Janeiro, e nomeando governador para ella a Antonio de Albuquerque, a quem Nunes Vianna prestou obediencia no arraial de Caeté.

PRECURSORES DOS ESTUDOS AMAZONICOS

Verdadeiras legiões de aventureiros a procura de riquezas, de sabios dominados pela febre das ciencias naturaes, têm percorrido o magestoso Amazonas, depois da audaciosa empreza de Oreflana. Muitas obras tem sido publicadas descrevendo a caudalosa bacia do Amazonas e a surpreendente grandeza do seu imenso vale, a aguardar em exuberante seio, as mais variadas e primitivas especies dos tres reinos da natureza. No seculo XVII, destacam-se os trabalhos do conde de Pagan (1655) e do Padre Acuna (1698). No seculo XVIII, os de La Condamine, "Relation d'une voyage dans l'interieur de l'Amerique meridionale en descendant la riviere des Amazones (1743-1744)", de Samuel Fritz, da Companhia de Jesus (1717), que publicou em 1691 os mapas mais completos, até então conhecidos, do rio Amazonas e dos seus afluentes, desde os escritos de A. Humboldt (1799). No seculo passado, tomou extraordinario interesse scientifico e comercial, o ardor vehemente pelas viagens ao país das Amazonas, como começaram a chamar a predestinada região brasileira. Salientam-se nessa epoca as descrições dos delagados das sociedades de geografia e ciencias naturaes da Europa, as excursões dos notaveis cientistas, como Spix et Martins (1817-1820), A. R. Wallace (1848-1866), W. Chandless, da Sociedade de Geografia de Londres (1866-1870), Rafael Reys (1878-1880) e Ermano Stradelli (1889). Mas acima de todas essas monografias, está o trabalho do notavel escritor brasileiro Barão de Sant'Anna Nery, intitulado no "País dos Amazonas", escrito em francês, inglês e italiano. — Esses escritores iniciaram a serie de estudos amazonicos, que se multiplicaram e continuarão por muito tempo.



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

Galeria
Santo Antonio
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURAÇÕES DE QUADROS A ÓLEO

UMA REVISTA PARA O LARI

Os modélos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!

Em todos os jornaleiros e livrarias.

MEUS CONTOS INFANTIS

Devido ter-se exgotado em pouco tempo, pelo grande sucesso alcançado com sua primeira edição — "Meus Contos Infantis" — aprovado pela Secretaria Geral de Educação e Cultura, Irmãos Pongetti — Editores resolveram lançar uma segunda edição cartonada. "Meus Contos Infantis" de Alma Cunha de Miranda com ilustrações de Percy Lau, acaba de sair novamente e, bem a tempo, pois, não há como um bom livro, principalmente, quando está cheio de passagens que educam e divertem como este "Meus Contos Infantis" de Alma Cunha de Miranda.

PREÇO CR\$ 15,00 — EM TODAS AS LIVRARIAS
Peça este livro pelo Serviço de Reembolso Postal à: —
IRMÃOS PONGETTI — EDITORES
RUA SACADURA CABRAL, 240 — A
RIO DE JANEIRO



S. Excia.

PROFESSOR JOSÉ PEREIRA LYRA
Chefe da Casa Civil da Presidencia da Republica

O Sacrifício do MAHATMA



rito indú da oferta ao rio sagrado das cinzas dos mortos, tem em relação ao Mahatma um simbolismo diferente. Já não se trata de devolver às velhas águas do Ganges o pó da terra, para que se incorpore liturgicamente na substancia do mundo, e volte a pertencer à ordem natural, inconsciente, pura e cósmica, de que se destacou para ser um dia carne sofredora e intelligencia ativa. Mais do que isto: representa a sementeira aos quatro ventos do que restava de Gandhi, o pacífico; a entrega do seu aniquilado corpo às forças materiais da vida para que o absorvam e consumam; a gesto votivo da oferta de sua alma ao mundo que o compreendeu mal, ou nunca o compreendeu inteiramente, a fim de que não fique aprisionada nos limites geográficos de uma região, mas se distribua, como a luz dos astros ou o sopro da tempestade, por todo o universo!

O que espantou, no assassinio do patriarca da independência indiana, foi a fúria criminosa exercida contra o que menos valia nele, a miséria humilde de Gandhi vivo, macerado pelos jejuns políticos, a pele nos ossos, perto do fim, pelo esgotamento físico, a grande cabeça calva a pesar sobre um tronco de fakir, desgajadamente envolto num lençol como Diogenes na sua túnica, mais fantasma de sacerdote oriental, que beatamente se suicidava com as suas religiosas penitências, do que estadista e caudilho das massas que o veneraram. A idéia de matá-lo entra no quadro absurdo dos paradoxos do nosso tempo: e é um indice de estupidez que o caracteriza. Distanciára-se demasiadamente das realidades mesquinhas, para poder ser atingido pela morte. Superára as contingências humanas, para librar-se na esfera fulgurante em que pairam as vocações santas, o apostolado insensível às intimidações da violencia, o sereno espirito. Impregnára-se desde a mocidade de uma dupla missão, de liberdade e de concórdia, e a ela se applicou com uma superioridade que zombava da ameaça, da opressão, do medo, excedendo-se a si mesma na indiferença pelo ridiculo. O Mahatma que gravou na retina mundial a sua figura exótica, não é o oráculo dos comícios indús aureolado de popularidade nas lutas pela emancipação dos povos de Brahma e de Budha: é o magro profeta enrolado no seu manto de algodão a puxar pelas cidades da Europa uma cabra, que lhe dava o leite. Saíra do mundo primitivo, que era o seu, para a moderna civilização, com a coragem imensa de não mudar de mentalidade, e a coragem, ainda maior, de não mudar de roupa. Encarnava — desencarnando — as sociedades milenares tiranizadas pelo preconceito e pela submissão; a remota impassibilidade das castas intocaveis; o Indostão histórico, imovel, devoto, nativo, e todavia inconquistado, na persistencia fabulosa de suas tradições; e vinha dizer ao Ocidente que essa terra de mistério e fanatismo queria ser independente, para gozar em paz os beneficios que lhe reservaram os céus! O Ocidente ouviu-o com respeito, o que não admira, e sem sorrir, o que estarrece: e não somente o ouviu com interesse, como lhe atendeu às supplicas. Lá está soberana a India, como ele prégava e pedia! O Mahatma teve a gloria de assistir à realização do seu sonho. Conseguiu da Grã-Bretanha o digno reconhecimento da independência de sua pátria; contemplou as festas que a comemoraram; recebeu as despedidas do império que se retirou e as boas vindas do império que se fundava; achou-se célebre e triunfante como qualquer dos creadores de nações, destes que as libertam, que as restauram, que as renovam, e, por isto, ficam na apoteose da posteridade como vultos tutelares, ou antepassados imortais. Só não conseguiu abafar as vózes da desunião, os gritos de guerra, a poderosa maldade de vários mil anos de ódio incorrigivel: e foi abatido pela mão patricia que parecia saudá-lo com amor... Devéras Gandhi libertou a India do estrangeiro; mas — pobre dele! — não pôde obter o milagre de libertá-la de si própria, e foi esta velha escravidão que se revoltou contra a jovem liberdade.

PEDRO CALMON
DA ACADEMIA DE LETRAS



Presciliano Silva "A PRECE"

Do Ritmo na **PINTURA**

Por FLÉXA RIBEIRO

PROF. CATEDRÁTICO DA ESCOLA
NACIONAL DE BELAS ARTES

O ritmo é, em geral, somente compreendido na sua aplicação à música. No entanto, a idéia essencial de ritmo está ligada ao princípio fundamental da mudança. Quem diz ritmo subentende mudança.

A pintura é uma arte que se pode resumir em dois ciclos de atividade: desenvolvimento e conquista: a plástica e a expressão. Ambas resultam de uma evidência de relevo que somente se poderá obter pela mudança no plano. Daí resulta que o problema do ritmo é mais complexo e mais essencial na pintura do que na música. Como a música seja uma arte do tempo, o ritmo é simples e unitário. Já na pintura, que é uma arte do espaço, ele se apresenta complexo e múltiplo.

Tomando, isoladamente, o primeiro domínio da pintura, que é a plástica, teremos que empregar de um certo modo, o ritmo na diferença do relevo, embora semelhante compreensão seja material e restrita, ou se se prefere, como expressão mais correta, meramente linear.

A maior evidência e índice qualitativo do ritmo na pintura se manifesta no que diz respeito ao mundo enigmático e miste-

rioso da expressão. Quando se fala em nuança, em esbatimento, em meias tintas — estamos empregando palavras análogas para traduzir o imponderável que é o ritmo que corre tanto no colorido como no claro-escuro com as designações técnicas de som e valôr.

As aparências luminescentes e de alta comoção que recebemos pelo sentimento que as formas expressam num quadro, resultam essencialmente, do ritmo que o artista conseguiu aprisionar, transportando assim o modelo na sua atmosfera própria de vida, para a sua obra que por este meio transforma o efêmero no imorredouro.

O sentimento dos seres e das coisas, dentro do ambiente que os envolve só se apreende pelas mudanças que a vida realiza no claro-escuro. E somente quando o artista consegue, por uma espécie de milagre óptico e perícia técnica, apreender e fixar a imanência sucessiva e simultânea dos ritmos de cor e de luz, como também de sombra irreal, só então se poderá verificar, com exaltada emoção, uma espécie de memória de sensações que já experimentamos, o diálogo profundo e inoxidável

do nosso ser com a obra de arte. Estamos assim, diante da beleza que nos aparece como trazendo no tumulto do tempo a chama viva de um ideal que expressa e explica a nossa realidade no conjunto das forças vivas e espirituais do universo.

Enquanto o artista não conseguiu surpreender e definir pela plástica e pela expressão o ritmo — sua obra é inerte, sem comunicabilidade, como se instituisse na pauta da vida, cadáveres. Todo o seu esforço técnico, a sua penosa diligência, o seu aparato tenaz, para copiar, reproduzir, replicar ou mesmo interpretar o modelo, resultarão deficitários, ou mesmo inúteis. O modelo estará inacessível, fugindo ao seu poder criador. E ele se debaterá na sua conquista, como quem lutasse, desesperadamente, para apresar e possuir um fantasma.

A compreensão do ritmo como meio e veículo de revelar e definir o sentimento se liga, intimamente, com todos os graus da expressão que é por onde se poderá definir a unidade que resulta dos pontos vitais da harmonia. À nossa compreensão, que primeiro nasce do sentimento, e, depois se transforma, pela ordem lógica, no raciocínio, se assinala, em todas as franjas paipitantes da evidência, pela sucessão dos ritmos que levam desde a estrutura ao contorno, à forma e o ornato conjugados, a uma espécie de irradiação contagiosa da realidade material e ideal.

O ritmo é, desta sorte, o domínio de mais alto grau nas conquistas da pintura. Possivelmente, o que nós chamamos dom, vocação do artista é o poder de descobrir, surpreen-



G. F. WATIS "A Morte que corôa a Inocência"

DEGAS "Lavadeiras"



der e representar o ritmo. Talvez por uma energia da intuição, que Bergson chamou de simpatia.

E só quando o artista entra no encantamento, esquecendo-se de si próprio e do meio que o cerca, ele consegue, pela inspiração, que é o encontro do ritmo, transplantar da realidade perecível, objetiva, para outra maior e perênz. Domina e conquista o modelo que se lhe oferece na grandeza quasi inacessível da expressão sugestiva de um momento da vida.

A pintura fica sendo a arte de fixar e perpetuar, com vida latente, o inacessível, o imponderável.

Fazendo que se veja, e que se sinta, o que não existe materialmente, de maneira limitada, no quadro, o artista atinge ao grau máximo da criação.

É um revelador do ritmo.

A Metade

GUSTAVO BARROSO
(Da Academia Brasileira)

FIQUEI muito tempo parado à beira do passeio, seguindo com o olhar um vulto de homem que lentamente se ia perdendo no meio da multidão apressada. Quem ali me visse naquela postura haveria de pensar que eu não tinha o que fazer ou que me interessava por qualquer figura feminina das que enchiam a rua. E' que aquele homem me lembrava grandes trechos da minha vida.

Como se chama? Não sei. Quem é? Sei mais ou menos. Ele não me conhece. Eu, porém, o conheço há 40 anos. Passou por mim naquela manhã em que fiquei parado a olhá-lo, indiferente, sem se dar conta sequer da minha presença. Todavia causou-me uma emoção tão grande que meu coração ficou batendo com força dentro do peito, tão grande que, se não fora ter o que fazer, o teria seguido para saber aonde ia, de onde vinha, como vive. São encontros curiosos da vida esses em que um só toma parte. Nada também de essencial me liga àquele homem. Não somos parentes. Não somos amigos. Nem sequer conhecidos, de vez que nunca nos falamos. No entanto, em largos espaços, as nossas vidas correram paralelas. Vou contar a história toda, sem ocultar nada, a fim de que se compreenda porque fiquei imóvel largo tempo, a seguir com os olhos aquele velho que mergulhava na multidão apressada.

Velho? Sim, bastante velho. Verdadeira ruína humana. Arrastando os pés como se fossem de chumbo. O corpo esquelético e curvado dentro da roupa coçada de brim. Cabelos brancos esgrouviados. A face murcha, vincada de rugas como um barranco depois da enxurrada. O olhar amortecido. A cabeça descaída. Um cigarro esquecido ao canto da boca. E desmaselo. E pouco asseio.

Quando o vi pela primeira vez, em 1909 ou 1910, era um rapagão alto, moreno, espadado, de basta cabeleira negra, olhos vivos e ares provocantes. Um bonitão, como se diz na atual gíria carioca. Eu tinha mais ou menos 20 anos, ele devia aproximar-se da casa dos 30. Morávamos ambos numa grande pensão familiar do sr. Luciano, à rua General Canabarro, perto do Colégio Militar. Já eu lá estava havia tres meses, quando um dia houve alvoroço entre os hóspedes. Corre-corre das moças. Cochichos prolongados das velhas e velhotas nas poltronas de vime da sala de entrada. Consta-va que ia chegar à noite de S. Paulo um casal em lua de mel. Esperaram-no até duas horas da manhã e nada. Só então, foram dormir.

No dia seguinte, somente ao jantar, os recém-casados se dignaram a aparecer. O marido era ele, esse velho que eu agora seguia com os olhos. A mulher era a mais linda

moça que jamais vi na minha vida. Alta, esbelta, morena clara, de olhos luminosos e suaves, cabelo sedoso, irradiando simpatia. Fiquei deslumbrado, estarecido, sem poder desprender os olhos daquela maravilha de carne e osso, enquanto um sussurro corria todas as mesas da vasta sala de jantar, aberta sobre o pateo plantado de tamarindos:

— Que lindo casal!... Que belo casal!...

De fato foi o mais belo casal que encontrei até hoje. E foi também, sem dúvida, o mais feliz. Soube vagamente que ela era de família modestíssima da Pauliceia e que ele exercia o cargo de Fiscal do Imposto do Consumo. Durante dois anos morei ainda na pensão do sr. Luciano e não tive a menor oportunidade de lhes ser apresentado. Eram muito retraídos, davam-se com poucas pessoas, viviam exclusivamente um para o outro, tão juntinhos e carinhosos como nos dias da lua de mel. Era justamente esse amor, essa compreensão, esse desvelo mutuo que chamava sobre o casal a atenção de todos e para ele atraía de toda a parte admirações e simpatias. Não tinham filhos e ela continuava com sua inalterável e pura face de Madona que me embevecia numa adoração silenciosa. E' bom notar que nessa admiração se não incluía nenhum sentimento ou desejo menos nobre.

Deixei a pensão da rua General Canabarro e fui morar noutra da rua do Catete; mas continuei a encontrar quase diariamente à tarde, na Avenida Rio Branco, os dois muito chegadinhos, muito agarradinhos. Ano após ano, assim os via, ora na rua, ora numa casa de chá, ora nos cinemas e até mesmo algumas vezes esbarrei com ele comprando cigarros na Londres. Ela ficava do lado de fora, esperando-o, e eu me comprazia sempre em admirar a sua beleza tranquila, modesta, séria e delicada. Depois, lá se iam de braço dado, conversando risonhos. Tenho a impressão de que nunca tiveram a menor divergencia. Dois grandes amigos! Em 1914, ao estourar a primeira guerra mundial, eu morava numa pensão da rua das Laranjeiras. Certo dia, o belo casal lá apareceu e tomou aposentos. Minha mesa ficava em frente da sua e pude, assim, duas vezes por dia admirar à vontade aquela mulher tão seria e tão bonita. A lua de mel de ambos continuava inalterável como eu a vira começar na pensão do sr. Luciano em 1909 ou 1910.

Dentro de algum tempo, nossos caminhos se separaram. Passei algum tempo sem ver os meus velhos conhecidos. Depois, voltei a encontrá-los novamente, sempre no mesmo namoro e naturalmente sem filhos, pois estavam de continuo sozinhos. Já os cabelos alvejavam nas temporas dele e alguns

fios de prata resplandeciam nos bandós do penteado dela. Assim, na clepsidra azul do tempo os anos foram pingando um a um. Eu também tive cabelos brancos antes de ficar sem cabelos.

Lembro-me bem da emoção que um dia me assaltou ao encontrar aquele casal, que considerava nas minhas conversas comigo mesmo o mais feliz do mundo, pela manhã, na rua do Ouvidor. Ela estava emagrecida e encanecida. Ele, ainda bem conservado, levava-a carinhosamente pelo braço, amparando-a como a uma criança. O rosto dela, embora murcho, era triste e belo. Pela primeira vez seu olhar pousou em mim melancolicamente. Limpei uma lagrima furtiva ao canto das palpebras. Que teria ela? Qual a enfermidade que a minava? E, entre essas indagações que me invadiram o espírito, pensei na dor terrível daquele homem, ameaçado de perder a metade da sua alma e da sua vida. Eu vira de fato o começo do casal mais feliz do mundo.

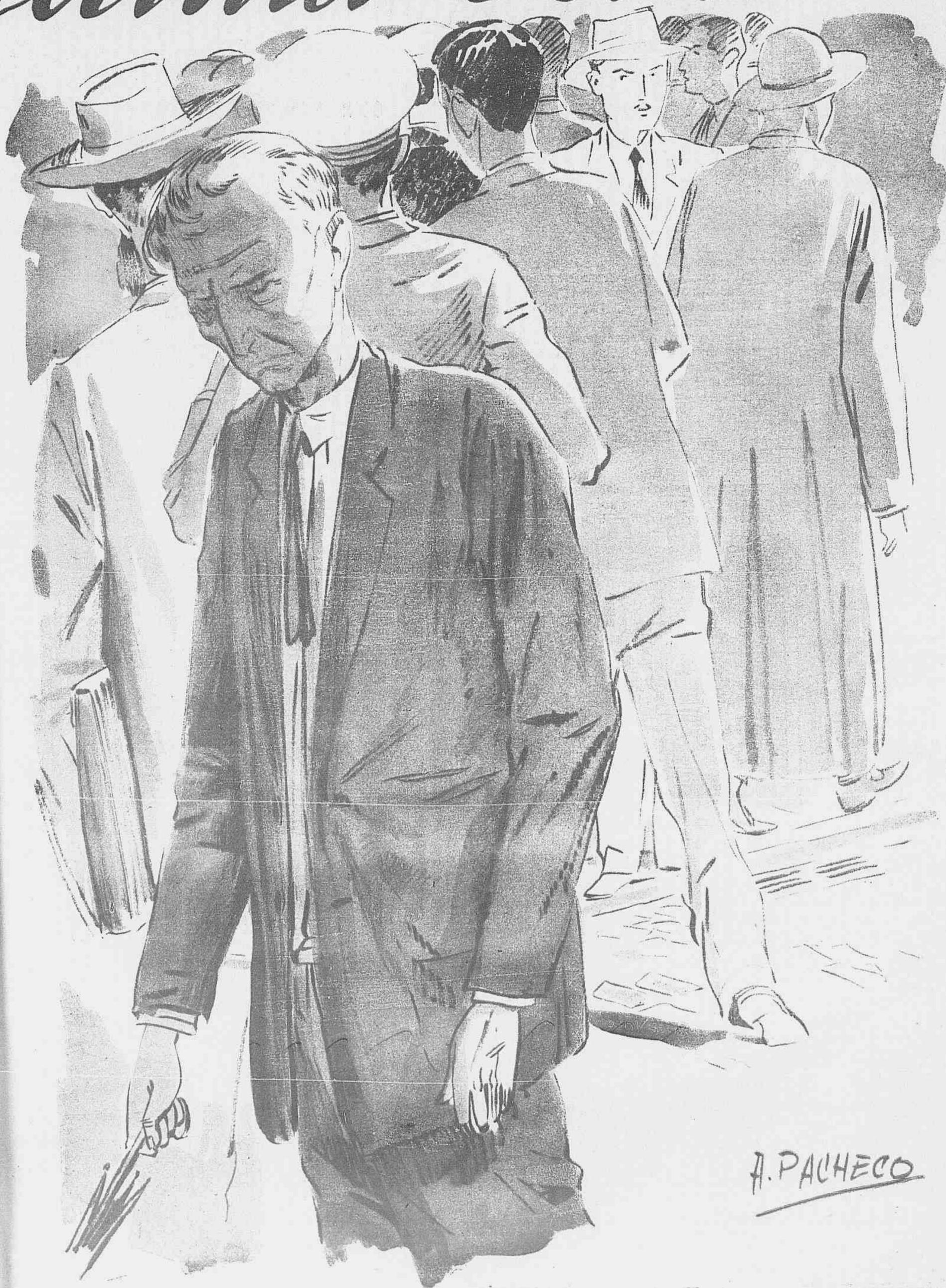
Sim, porque, passados muitos meses, o encontrei de preto, funebre, olhos encovados, faces sulcadas pelas lagrimas e já um prenuncio de curvatura nos ombros atléticos. Notei que, ao acender o cigarro, suas mãos tremiam. Dominei-me para não lhe perguntar, sob qualquer pretexto inventado de afogadilho, como, quando e de que ela tinha morrido, ela que ele amara profundamente, ela que, em silencio, eu respeitosa-mente adorara durante tão longos anos.

Se não me falha a lembrança, ainda o vi, mais tarde, à porta da tabacaria, quase o não reconhecendo, tão demudado o seu aspecto.

Tornara-se um velho desleixado, desses que não têm quem cuide deles. Agora, passada meia dúzia de anos, atravessara ali de súbito a rua na minha frente e era um ancião, aquela ruína humana, aquela carcassa de navio a flutuar sem destino no meio do oceano indiferente da multidão. De toda aquela gente que enchia a rua e o acotovelava somente eu o conhecia desde aquela longínqua lua de mel, somente eu o acompanhara nesta cidade através dos lustros vivendo a sua vida feliz com aquela deslumbrante e puríssima mulher, somente eu sabia que ele a perdera e que o seu naufrágio acontecia por falta dessa bussola maravilhosa, embora ele não soubesse sequer quem eu era, nunca houvesse trocado comigo uma palavra e nem sequer suspeitasse o meu interesse silencioso por sua existencia.

Terá sido a derradeira vez que vi a última metade do casal mais feliz do mundo, a metade duma vida? Em todo caso todos ficam sabendo porque eu, parado, seguirá com os olhos aquele velho que arrastava os pés de chumbo, perdendo-se devagar no anonimato da multidão. Tinha ou não razão para isso?

Uma vida



A. PACHECO

O CONFLITO DAS GERAÇÕES

CYRO DOS ANJOS

Aludindo às dificuldades em que tropeçamos, quando queremos caracterizar as tendências literárias de uma época, Albert Thibaudet escreveu, em 1935, que, de certo modo, poderíamos considerar como contemporâneo o período correspondente aos cinquenta ou sessenta últimos anos, durante o qual escritores, hoje ainda vivos e em atividade, se estrearam, produziram e atuaram. E lembra que "estados de sensibilidade adquiridos em 1870 subsistem, ainda, em nossos dias".

Assim, não encontrou um critério racional para traçar, no tempo, as fronteiras daquilo a que se chama "atualidade literária", e que, se por um lado pode restringir-se à hora que vivemos, por outro pode abarcar mais de meio século de produção do espírito.

A leitura da página, a que nos referimos, é especialmente recomendável a quantos se iniciam na atividade literária, para que lhes dê certa humildade, assás preciosa, no mundo das letras.

Cada geração aspira a trazer uma mensagem original. Poucas são as que a isto renunciam, e aceitam o modesto trabalho de epígonos.

Sem dúvida, essa rebeldia tem o seu lado bom, e talvez seja o próprio jôgo biológico que a determine, em benefício de um possível progresso no campo das idéias, ou de novos descobrimentos, no mundo das formas.

Goethe admitia que a circunstância de haver uma pessoa nascido dez anos antes, ou dez anos depois, bastava para a tornar completamente distinta, tanto no que toca à formação interior, como no que se refere à atuação externa. Certamente, Goethe foi longe demais. Como nos mostra Thibaudet, é comum que duas ou três gerações se agrupem em torno dos mesmos ideais políticos, filosóficos ou estéticos.

Acredito, todavia, como Goethe, que, a cada um, o seu século determina e forma, arrastando tanto a quem o segue de bom grado, como àquêle que procura resistir-lhe. Por isso mesmo penso que devemos apreciar, compreensivamente, o antagonismo que de ordinário se forma entre as gerações.

Dentro das linhas eternas do pensamento e

das aspirações do homem, no curso da aventura do espírito, por tôdas as épocas e culturas, há uma cadeia contínua, cujas interrupções são apenas aparentes. O fato de cada geração trazer palavra diferente ou matiz novo de uma idéia apenas pode constituir enriquecimento, e nunca, sob o ângulo histórico, significará negação do passado.

A êsse respeito, poderemos dizer que "modernismo" e "passadismo" são tendências de todos os tempos, cujo embate é indispensável a uma cultura viva, na constante evolução do pensamento. Não podemos considerá-los como estádios por que passam uma inteligência e uma sensibilidade, em sua trajetória.

O moço é romântico e rebelde, por natureza; o homem maduro se inclina, também por natureza, a reverenciar o esforço das gerações que antecederam a sua.

Esse eterno conflito entre tendências, a que poderíamos chamar dinâmicas e estáticas, atua como fermento que impede a morte da cultura. Se o jovem alerta o homem maduro contra o comodismo e o vazio das fórmulas, o homem maduro previne o jovem contra a exagerada estimação das próprias forças — tão comum à mocidade — e contra imoderadas esperanças.

Essa compreensão antitética, digamos hegeliana, da cultura favorece a interpretação do conflito das gerações e do que elas realizam em comum, com a aparência de estarem em em choque.

Considerando a vida intelectual na sua continuidade, "modernismo" e "passadismo" se nos afiguram categorias demasiado temporais para caracterizarem um sistema de valores.

O momento em que acabamos de falar já se tornou pretérito, no eterno "vir a ser" das coisas. . . As idéias que ainda há pouco exprimíamos já se tornaram idéias do passado. Nosso pobre moderno bem depressa se faz antigo, enquanto, muitas vezes, os valores do passado remoto se nos impõem com atualidade flagrante.

Na verdade, a inteligência supera o antigo e o moderno, abarcando tôdas as épocas, e a cultura é um produto dêsses mesmos antagonismos que às vezes parecem ameaçá-la.



EXERCÍCIO DA CRÍTICA

JOSUÉ MONTELLO

Carlyle achava que a primeira condição do escritor deve ser a sinceridade.

No exercício profissional de crítica é essa a condição que pomos à prova, sempre que externamos opinião que sabemos não coincidir com a opinião alheia.

Mais espinhosa que a judicatura comum é a judicatura literária. Porque, aqui, vamos de frontar com esta hidra de mil cabeças: a vaidade humana.

Jean Jacques Rousseau, em "Lettres écrites de la montagne", conta-nos um episódio, que pode ser evocado como moldura simbólica.

Certo fidalgo castelhano, condenado a morrer, ia subindo os degraus do cadafalso e começou a gritar. O carrasco aproximou-se, imediatamente, e quiz confortá-lo. E só encontrou esta desculpa:

— Não grite que nós estamos fazendo isto é para seu bem.

E nessa situação delicada do carrasco de Rousseau que o crítico às mais das vezes se encontra. Ha casos irremediáveis: o unico recurso é a aplicação da eutanasia literária. E fazemos isso para o bem dos próprios autores. Certo médico famoso, com longa experiência dos padecimentos humanos, escreveu um livro para demonstrar esta tésé: também têm alma os cirurgiões.

O impulso natural da piedade, no exercício da crítica, é perturbado por aquele dever da sinceridade recomendado pela sabedoria de Carlyle.

E possível contar dois episódios para marcar, com eles, os extremos da crítica.

A. Palacio Valdés, em seu "Testamento Literário", livro de leitura indispensável a qualquer escritor, fala-nos de um cão que entrou por um rebanho e entrou a cheirar, uma por uma, as ovelhas que ia encontrando. Cheirava e dizia, passando adiante:

— Cheira mal.

Uma das ovelhas irritou-se:

— Como queres que cheiremos bem, se só nos cheiras no lugar onde não deves?

A crítica negativa, interessada em descobrir defeitos, feita para a diatribe, com índole panfletaria, sempre disposta a arremeter sobre os altares para deixar os nichos vazios —

ajusta-se perfeitamente ao apólogo da observação de A. Palacio Valdés.

É em Tolstoi que vamos encontrar o simile da crítica generosa, autêntica transposição literária da batalha floral.

Essa crítica não chega a ser obra de misericórdia. É um reflexo perigoso da bondade humana. Vive em função do aplauso. Cala quando deve censurar. E embandeira-se em arco ao menor pretexto de louvor.

Numa via pública, jazia morto um cão felpudo. Ha dias que estava ali. E começava a apodrecer.

Alguns transeuntes imitavam Dante quando encontrava criaturas desprezíveis: olhavam e passavam. Outros, sentindo o mau cheiro aceleravam o passo, levando os dedos ao nariz. E ainda outros, de genio iracundo, não podiam passar sem externar uma palavra de desagrado contra o animal que viera morrer na sargeta.

Porém uma criança se deteve, admirando o cão inerte:

— Que belos dentes os desse cachorro!

E continuou o seu caminho.

Foi esse o unico louvor que se ouviu, no velorio ocasional da rua, para o corpo sem vida. E esse o raconto de Tolstoi.

Não há, aí, em verdade, um episódio simbólico? Que é a crítica que procura pretexto para exaltar, senão a palavra da criança que descobriu a beleza dos dentes no corpo nauseabundo?

A prática da crítica nos leva a oscilar entre os dois extremos. A irritação nos compele à negação. A indulgência nos arrasta ao elogio generoso, que é uma espécie de moeda que se dá aos pobres de espírito que apelam para a nossa caridade.

Virtus in mediis — adverte a sentença latina. Nem tanto ao mar nem tanto a terra. Há um meio termo, que deve ser o caminho escolhido. Acima de nossas paixões pessoais, coloquemos o proposito de servir à literatura, sem esquecer que a arte é trabalhada pelos homens, mais atraídos para o erro que para a perfeição.





Portão do Passeio Publico, num desenho de Wambach

A ALMA DOS VELHOS PORTÕES ESQUECIDOS

PÁDUA DE ALMEIDA

Os portões antigos têm uma fisionomia que só as pessoas muito sensíveis sabem compreender. O limo a estender-se sobre os degraus de granito úmido, as heras a cair sobre os pilares esburacados, a ferrugem a patinar os varões carcomidos, que milhares e milhares de mãos, delicadas ou rudes, tocaram, através do tempo... Às vezes, eles trazem, ao alto, dois cães de lança ou duas quimeras de ferro. São os portões senhoriais, que se erguem com solenidade de sarcófagos, silenciosos e pesados, na rigidez heraldica da sua grandeza morta.

Se falassem, diriam, soturnamente: "Deixem-nos, imóveis. Não nos abram. Pertencemos a um mundo que não existe mais. Não perturbem as nossas sombras". Com efeito, ninguém deve abri-los. Eles não nos pertencem. São os nossos antepassados. Só os espectros têm o direito de movê-los.

Olhando-os, sonhamos com os nossos mais longínquos avós. A nossa alma re-

cua docemente e os vultos queridos, que nunca pudemos conhecer senão pelos albuns de fotografias desbotadas, emergem do outro século e vêm nos visitar.

Estamos, por exemplo, a ver, daqui, extasiados, a figurinha de uma menina-moça, esvoaçante em seu vestido de névoas imaculadas, toda palpitante de fitas brancas.

As primeiras estrelas da noite começaram a aparecer no céu ainda avermelhado do poente.

Ela está ansiosa, encostada a um portão de bronze. Que fará, ali? Espera alguém?

Espera, sim. E esse alguém chega, salta do cavalo, — um largo "sombreiro" de veludo sobre os olhos, capa de seda de longas pregas, à espanhola.

Dirige-se para ela. Beija-a. Mas, nesse, esvoaçante em seu vestido de névoas E o rapaz tomba, ferido de morte. Seu sangue jorra nas grades do portão.

Ficou lá a marca da tragédia. Lá, no velho portão abandonado de um antigo palacete de Botafogo...

Esse fato é verídico.

Aliás, faz-nos lembrar a cena descrita num soneto romântico, de autor ignorado, que o leitor não deverá conhecer.

É uma pequena "aquarela" de tons leves:

"Teu ser desde a outra vida me domina, pois eu te amei há séculos passados: foi numa vila azul e pequenina, de um céu imenso e uns cinco ou seis telhados."

Um pátio. Uma lanterna que se inclina sobre um portão... A rua... descampados... E eis que surge ante nós uma menina, loura, cachos ao vento, ombros rosados.

Ela vinha correndo. E, na carreira, apontava uma sege, poente e calma, que ia chegando à vila: "E o pai!" Fugiste.



O portão da Ilha da Boa Viagem

Em baixo: portão do Solar Roberto Marinho, no Cosme Velho

Não te vi mais. E, então de tal
[maneira
a tristeza caiu sobre a minha
[alma
que, mesmo nesta vida, ainda sou
[triste."

Neste caso, porém, não houve morte. Felizmente para o poeta, na outra encarnação ...

E os velhos portões das igrejas, que tantas vezes se descerraram para deixar passar os andores e as velas, conduzidos por mãos trêmulas que não vivem mais?

Os passos dos fieis parecem repercutir ainda nas lajes, que os enormes fechos riscaram durante mais de um século, ao franquear passagem para as procissões ...

A alma desses portões nos olha solenemente, numa expressão severa de benção e de melancolia. São irmãos dos sinos decrépitos, que não badalam mais, perdidos nas torres obscuras, entre ninhos de morcêgos...





reis e que permanece intacta, resolvida a atravessar êste século e, talvez, outros séculos mais ...

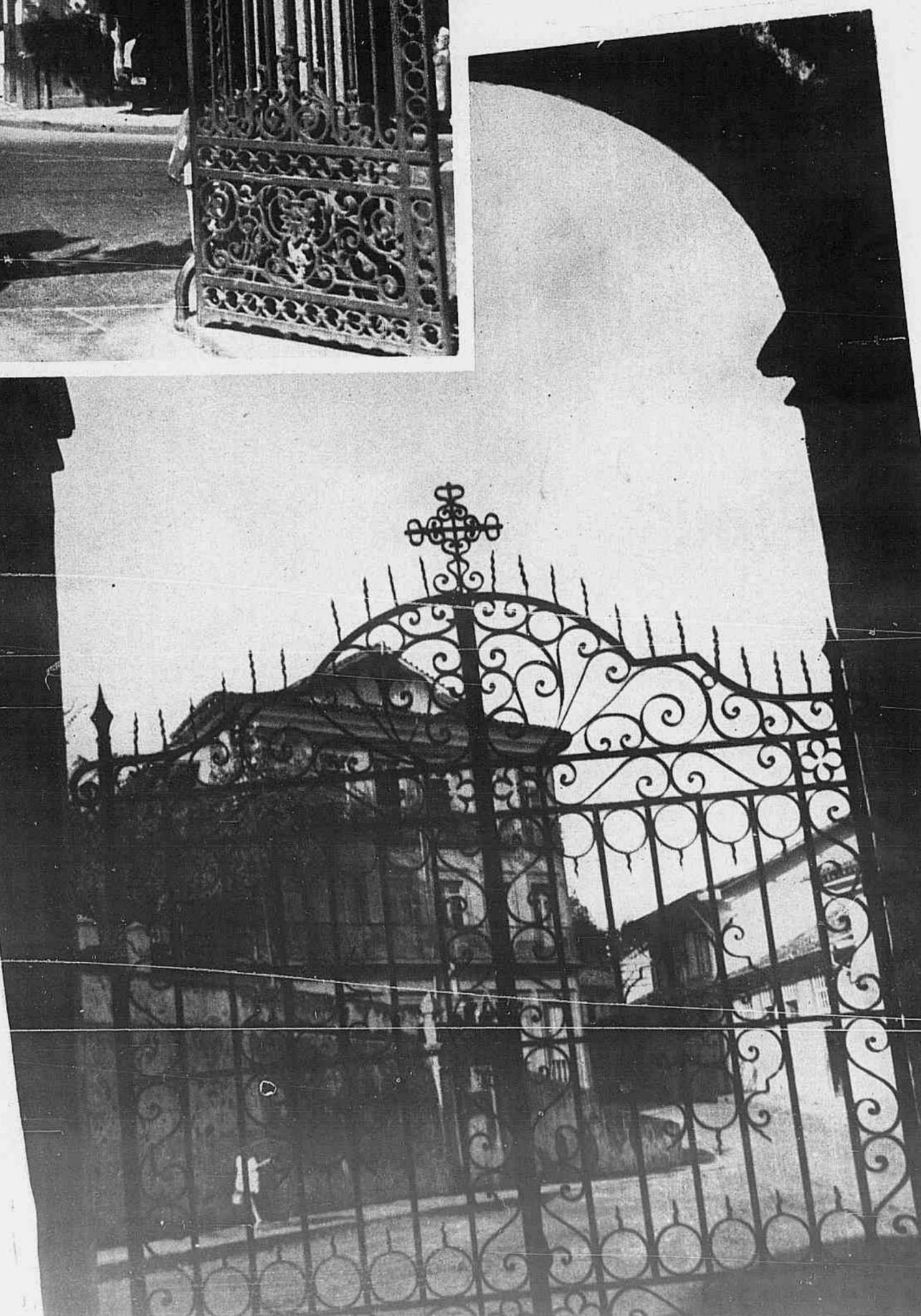
Eu admiro, também, aquêles portões patriarcais que mantêm, pendida de uma trave, uma lanterna de emplos vidros quadrados, dessas lanternas de óleo, vacilantes e poeirentas, que já não se acendem há muitos e muitos anos, porque se decidiram a morrer quando o coração dos seus velhos proprietários pararam de bater... Esses portões têm uma dignidade impassível e austera, que envolve tôda a rua, profundamente, como um véu de crepe ...

E os portões dos jardins públicos? Os dolorosos portões mutilados, que, depois de, circunspectamente, da-

Na pequena ilha da Boa Viagem, em Niterói, há uma escada duas ou tres vezes secular, muito ingieme, com os degraus gastos pelos pés de inúmeras gerações extintas. No ápice dessa escada, vê-se um grande portão de ferro enferrujado. Sentz-se ali, entre aqueles pedaços de metal agonizantes, batidos pelos ventos do mar e pelos raios do sol, uma alma que enche tôda a ilha: uma alma pitoresca e ativa, que vem do tempo dos vice-

Ao alto, portão do Campo de Sant'Ana

Ao lado, velho portão colonial





Portão do largo do Baticario — tela do pintor Edy Gomes Carôllo

rem entrada às multidões de outros tempos, de repente se viram arrancados por mãos indiferentes?

Esses portões-mártires nem sempre são atirados aos depósitos de materiais imprestáveis. Alguns se conservam de pé, desamparados dos gradis, isolados no meio dos jardins, numa espécie de crucificação inútil, diante dos transeuntes que não os vêem, porque não querem vê-los ... embora passem sob eles a todo instante ...

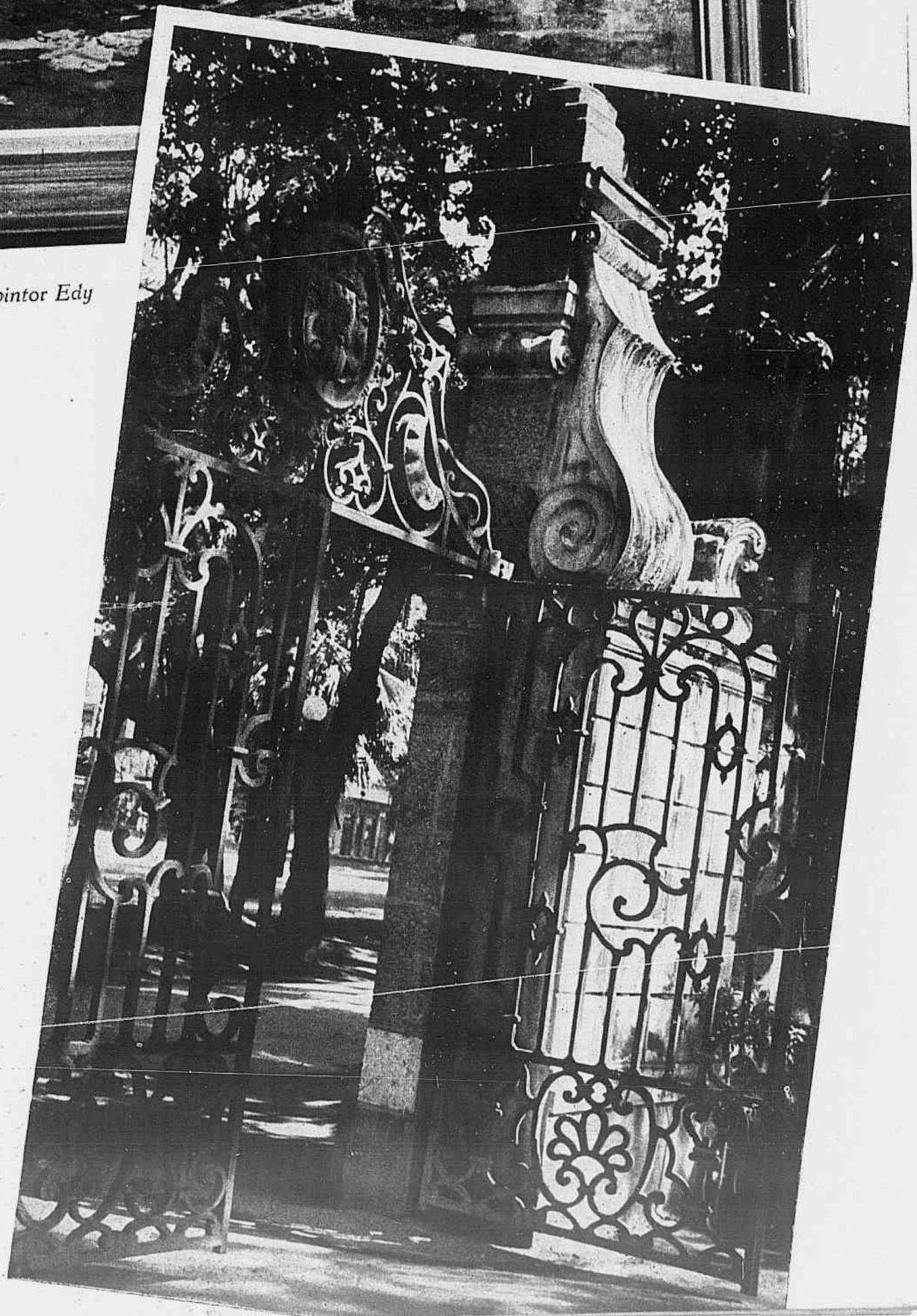
Mas, eu sinto uma atração mais suave pelos velhos portãozinhos de madeira que as casas em ruínas deixaram para sempre fechados, em algum canto de rua distante, calçada de pedras irregulares.

Neles há mais alma. Uma alma tristonha e humilde, povoada de um romancezinho qualquer que morreu desconhecido, entre galhos de roseira e asas de andorinhas, num fim de verão, há uns trinta ou quarenta anos passados, quando as criaturas viviam, ainda, ingenuamente, dentro da sua pobre ilusão anônima ...

O amor era, então, um sonho muito simples, como uma conchinha irisada, onde coubessem dois destinos.

Talvez por influência dos contos de Fadas daquela época ...

Portão do Passeio Publico, obra de Mestre Valentim



Aconteceu EM 30 DIAS

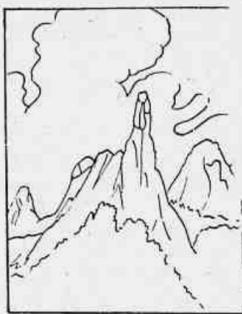
A ascensão de Barbosa Lima Sobrinho ao governo de Pernambuco tem particular significação para a imprensa brasileira. É verdade que o eminente patricio fez uma carreira política percorrendo nela diversos postos de representação, e também desempenhou funções administrativas que lhe foram confiadas por diversos governos da República.



Nesses cargos sempre se conduziu com inteligência e equilíbrio, deixando traços profundos da sua passagem. Mas o que nos interessa na vitória de Barbosa Lima Sobrinho é o homem do jornalismo e das letras que nunca colocou em segundo plano a profissão em que rasgou o seu itinerário na vida pública.

O escritor de tantas obras magnificas em que os temas são tratados com segurança e brilho de forma e profundidade de conceitos, já tem na literatura o seu lugar, na cadeira que ocupa e ilustra na Academia Brasileira de Letras. No periodismo Barbosa Lima Sobrinho obteve todos os triunfos ao alcance de uma pena vigorosa e galharda, disposta sempre ao combate pelas boas causas da nacionalidade. Com uma figura de semelhante porte à testa de seus destinos o Leão do Norte tem assegurados dias esplendidos ao seu futuro.

QUEM visita Terezopolis sente imediatamente uma grande surpresa: a dois passos da metropole, num verão incendiado que chega a trinta e oito graus, a montanha nos oferece a delicia de uma temperatura de menos de vinte graus, no seio de florestas em que o cedro e o castanheiro tomam um ar de Suíça tropical. Mas a paisagem não está sosinha. Há as águas cristalinas, transparentes como se a propria natureza as houvesse filtrado para o nosso gozo.



E quando se bebe as da Fonte Judith, francamente rádio-ativas, jorrando, geladas, dia e noite, pergunta-se porque não se instalou ainda por ali uma estância hidro-mineral. Seria mais uma estação ao alcance dos cariocas, e com a vantagem de não exigir as longas viagens das nossas já conhecidas de Minas e de S. Paulo. Tudo aconselha a que se promova a exploração daqueles sitios com esse carater. Houve, em tempos, quem cogitasse de colocar Terezopolis entre as cidades de cura de águas, e para isso deu os passos iniciais. Teria esbarrado, entretanto, nos tropeços da politica, de vez que o seu prefeito, como acontece nas zonas semelhantes, seria de nomeação do governo em vez de eleito pelos partidos. Os interesses dos corrilhos tiveram mais força do que os da cidade. O proprietario da Fonte Judith, no entanto, é homem de vastos cabe-dais que bem poderia dar àquela riqueza uma aplicação util à coletividade. Por que não se despreocupa da sua primeira idéa e não constrói um grande hotel nas imediações do precioso manancial? Para isso não

carece de prefeituras e presta um serviço inestimavel ao mais lindo recanto da serra dos Orgãos.

A morte de Julio Salusse, quase octogenário, levou-nos do mundo um dos ultimos sobreviventes de uma geração de grandes poetas que encheram de gloria o Brasil. Com Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, foi ele uma das vozes mais harmoniosas do lirismo sul-americano, particularmente no soneto, genero de que nos deixou numerosos exemplares. O seu renome fez-se, sem duvida, com o "Cisnes", uma joia de antologia, e que teve imediatamente o merecido sucesso nas páginas de todos os florilegios. Não era, porém, Salusse o poeta de uma composição unica, ou o autor de algumas que nao emparelhassem com a vulgarizada. Ao contrario, ele enriqueceu a poeica brasileira com uma boa quantidade de sonetos que em forma e fundo se equilibram no mesmo ritmo de beleza. Magnifico cantor e orquestrador de pensamentos e sentimentos, ele foi durante mais de meio século o cisne solitario e triste que perdera o companheiro de lago, e esperou melancolicamente o fim cumprindo a promessa de não nadar nunca ao lado de outro cisne. Poeta, dessa poesia eterna que não precisa de malabarismos verbais nem de esgares de caricatura para impor-se à admiração das plateias, Salusse permanecerá vivo na literatura do Brasil como uma das suas expressões mais altas e mais honestas. Que alguém se lembre de fazer com a sua obra esparsa o que a dedicação filial realizou com a de Luis Delfino. Ninguém mais em condições de semelhante gesto do que Nilo Bruzzi, o suavissimo amigo do "Luar de Verona". Amigo fraternal e depositario das confidencias de Salusse, não lhe será difícil organizar o livro para o qual já está escrito um prefacio admiravel que é o estudo recém-publicado sobre a vida e a produção do maravilhoso passaro que emudeceu.



A presença de uma exposição de arte espanhola contemporanea é um fato interessante, que nos faz pensar nos tempos em que nesta cidade um grupo de intelectuais de prestigio, escritores e professores, se empenhava, com a ajuda de homens de vontade nascidos na Espanha, em tornar conhecidos os frutos do espirito da terra de Cervantes. Figuras como Abreu Fialho, mestre das letras e da medicina, Pinto da Rocha, politico e jornalista, além de poeta, Silvio Julio, o patriarca de tudo o que se tem tentado entre nós em materia de assuntos ibericos e hispano-americanos, o Cid campeador que abria itinerarios aos que pretendessem entrar na intimidade das cousas do pensamento espanhol, Carlos Maul, Saul de Navarreo, o livreiro Samuel Nuñez Lopez a quem a Espanha deveria um monumento se por lá se soubesse o valor da palavra justiça — um século de diplomacia convencional nunca fará um milésimo do que reali-

zou aquele andaluz barbado e sempre joven pela divulgação do livro da sua patria num meio de lingua diferente — e muitos outros fundaram a Casa de Cervantes. A instituição viveu algum tempo, abriu uma biblioteca. Trouxe, por iniciativa de Silvio Julio, Salvador Ruéda, ao Brasil em 1914. Promoveu conferencias de alta cultura, entre elas uma sobre a novela picaresca em que Abreu Fialho revelou os seus profundos conhecimentos da materia. E nós liamos os classicos da Espanha, liamos os gongoricos e os românticos, os pessimistas de 98, e os contemporaneos, e Unamuno, e Ortega y Gasset, e Concha Espina, e Pereda, e Manuel Machado, e Menendez y Pelaio, e Menendez Pidal, e Cansinos Assens, e Ricardo Leon, e José Mas, e José Maria de Acosta, e mais os sul-americanos que faziam via Barcelona, Valencia e Madrid, o seu contacto com o Brasil da sua vizinhança. E tivemos ainda aqui com as suas telas, um Pons Arnau, um Rivas Pratts, um Villa y Pradez, um Luiz Graner, pintores que marcaram a sua passagem com traços fulgurantes. Com a recordação desses episodios fica a geração nova informada de que a Espanha dos grandes livros e dos grandes quadros é velha conhecida do Brasil.

O combate ao bolchevismo como vem sendo praticado entre nós deve fazer sorrir aos comunistas autenticos. Confunde-se lamentavelmente a personalidade de Stalin com o credo vermelho, e na ansia do ataque ao ditador que com a etiqueta do marxismo está realizando o imperialismo de Pedro, o Grande, o que muitos conseguem é apenas dar maior expansão aos principios que pretendem destruir. Porque Trotzki era inimigo de Stalin, estamos ampliando a difusão do seu pensamento. No entanto, a obra do criador do Exército Vermelho é a de um apóstolo do comunismo puro, de um pregador da revolução mundial intransigente e convicto. Cabe aqui, a propósito, uma referência à biografia de Stalin agora traduzida e da lavra de Leon Trotzki. Essas páginas são o que de mais perfeito existe em materia de propaganda ideologica. A critica a Stalin é mero pretexto para a exaltação de Lenin e dos seus metodos de ação que conduziram os bolcheviques à vitoria de Outubro de 1917. Ali se faz a historia do movimento, estuda-se a técnica subversiva, analisa-se os processos leninistas, e a pouco e pouco o leitor que detesta Stalin vai sentindo com simpatia a infiltração das teorias ant-democraticas. Inimigos assim valem ouro para os que recebem as suas acometidas...



16 Ilustração Brasileira

O maior escândalo artístico do século

JARBAS DE CARVALHO

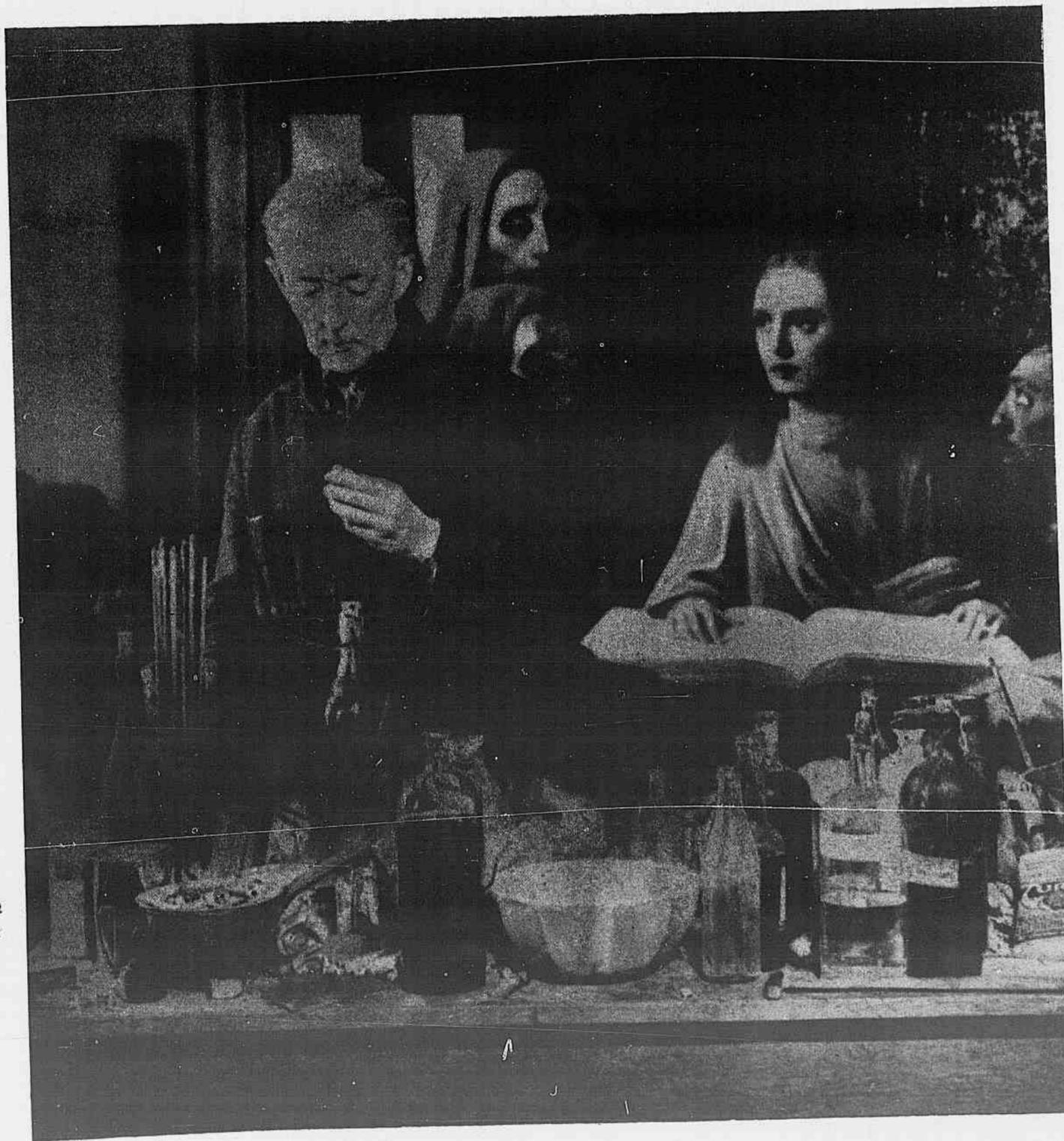
A caba de morrer o homem que causou o maior escândalo artístico do século: Hans van Meegeren, notável pintor holandês. Notável sim — porque van Meegeren falsificou com sucesso um dos mais reputados pintores do século XVII, o famoso Vermeer, cujas obras, hoje raras, se acham colocadas nos mais importantes museus do mundo.

Circunstâncias extraordinárias fizeram com que se descobrisse a fraude — porque, não fosse a necessidade do autor denunciar-se jamais as famosas telas teriam de ser repudiadas como falsas.

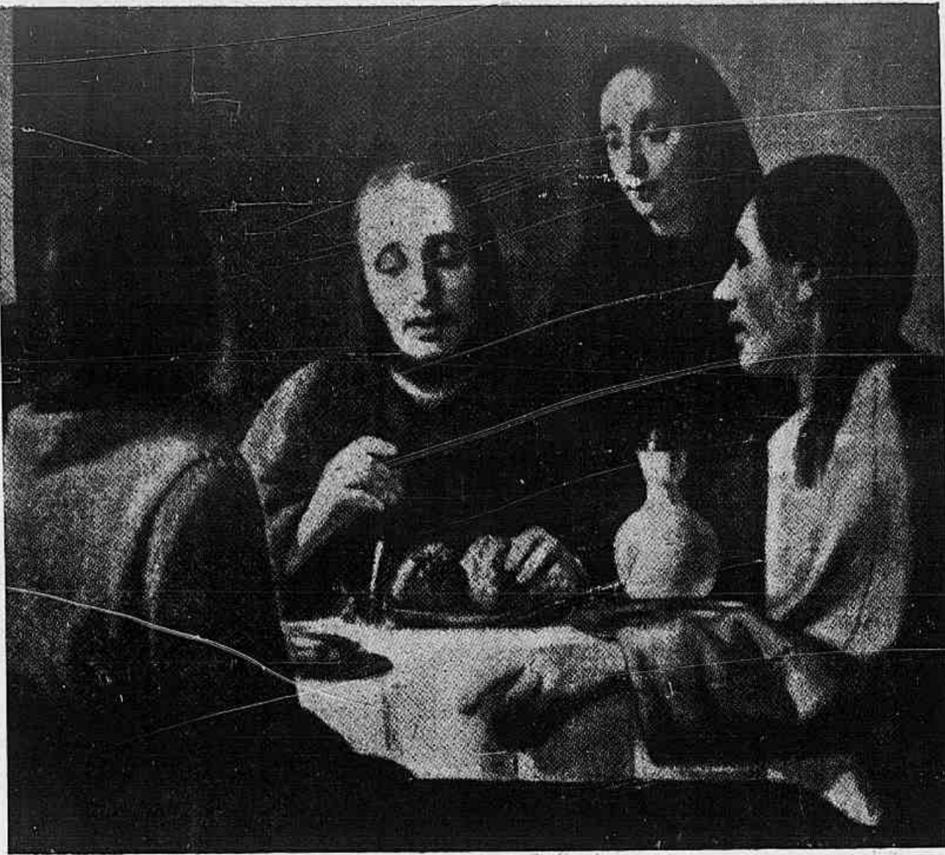
Contemos, porém, a história do belo quadro de Vermeer: "A Ceia em casa de Emaus".

Esta tela de Joannes Vermeer, que deveria ter sido pintada em Delft, foi descoberta em 1938, em Paris, e tinha a sua história — verdadeira ou falsa. Alguns afeiçoados conseguiram vê-la no cofre-forte de um banco, entre eles dois ou três críticos,

que ficaram encantados. O quadro viera de Wartland, na Holanda, para a França, pois fazia parte do dote de uma noiva de família abastada, que se casara com um francês. E talvez não dessem a ele o devido valor. Foi então que o grande perito Bredius, chamado de longe, veio examinar o quadro e declarou que se tratava de uma obra autêntica do pintor do século XVII. A "Ceia em casa de Emaus" foi levada para Rotterdam, onde afluíram muitos técnicos vindos de toda parte — e todos declararam que a tela não só era verdadeira, mas soberba. Adquiriu-a, então o miliardário D. G. van Beningen, dono da companhia de navegação daquela cidade, pela quantia de 10.300 contos — ou dez milhões e trezentos mil cruzeiros. Mas, o Governo não poderia ficar indiferente, e havia receio de que o quadro pudesse sair da Holanda. E, depois de alguma relutância por parte do novo dono, a tela foi adquirida pelo famoso Museu Boymans, de Rotterdam, que



O notável pintor num recanto do seu atelier



"Jesus em Emmaus", de Vermeer. Sobre o mesmo assunto há mais tres: de Ticiano, de Veronese e de Rembraudt. Só não há mesmo o de Vermeer.

lhe deu um prestigioso destaque. Preparou para ela um fundo de antigo couro dourado, onde uma estudada iluminação artificial lhe dava o mais conveniente relêvo.

Às vespéras da invasão alemã, porém, entre as outras obras-primas que ali se encontravam, a famosa "Ceia em casa de Emmaus" foi cuidadosamente ocultada. Feita a paz, porém, regressou ao seu lugar de honra no Museu Boymans.

Mas, o homem é curioso demais — principalmente em política. As autoridades holandesas, tomando conhecimento, por informações aliadas, de que o pintor Van Megeren tivera contáto com os invasores, tendo mesmo vendido quadros que nunca deveriam sair da Holanda, foi chamado a interrogatório. Esquivou-se. Mas, as autoridades insistiam em saber como conseguira ele fazer fortuna, a ponto de comprar um castelo em Nice e viver como um nababo, sem que conseguisse vender seus próprios quadros. Van Megeren, um tanto displicente, contou afinal o que se dera: falsificara telas do famoso pintor joannes Vermeer, de Delft, e as colocara por um preço que nunca havia sonhado. — "Mentira!" — exclamaram os peritos. Van Megeren, um artista mediocre, jamais poderia imitar um mestre como Vermeer".

Começou aqui o escândalo. Os grandes técnicos, que haviam dado por verdadeira a tela sacra de trezentos anos de idade, recusavam-se aceitar as declarações do pintor, que devia ser condenado por colaboração com o inimigo, o que deveria ser a verdadeira origem de sua fortuna. Van Megeren viu-se perdido e quiz provar as suas falsificações. Declarou que mais cinco ou seis telas, que deviam estar nas galerias mais ilustres da Europa e da America do Norte e que eram, como a Ceia de Vermeer, pintadas por ele. O escândalo cresceu, irradiou-se por toda parte chegou a todos os âmbitos do mundo civilizados. E tudo foi verificado, com nomes, datas, lugares e quantias por ele indicados.

Levantou-se, então, contra o artista o processo de falsificação — que ele recebeu sereamente, porque, ao menos não era um traidor. A acusação foi de que Van Megeren produzira prejuizos pecuniarios enormes, mas os prejuizos moraes eram maiores: desmoralizara a perícia técnica nas artes plásticas e levantara suspeitas sobre muitas, ou quasi todas as obras-primas que figuram hoje nas mais ricas galerias e nos mais importantes museus do mundo.

Van Megeren fez um depoimento sensacional, depois que ficou provada a fraude escandalosa. Agira por vingança contra a critica e a perícia: aquela que insistia em considera-lo artista mediocre, esta em barrar-lhe a entrada nos museus. Mas, nunca pensara que sua fraude tomasse tais proporções: ofereciam milhões de florins pelas "obras-primas" de Vermeer, e o seu proprio trabalho técnico — obrigado ao estudo dos elementos empregados — de tal sorte o empolgou que por ele se apaixonou. Pintara seis quadros do mestre: — "Jesus com Emmaus" o de maior sucesso — "A ultima ceia", vendida por um milhão e 600 mil florins a um rico colecionador, que teve de fazer obras em sua sala de jantar para coloca-lo condignamente, pois tinha 2m, 60 por 1m,80 — "Estudo da cabeça de Christo", vendido em Amsterdam. — "A adúltera", vendido sob condição de não sair da Holanda, mas depois trocado por 143 telas autenticas com um portador de Goering: origem da descoberta da fraude — "Abraão abençoa Jacob", o que menos impressão produziu, mas muito bem vendido — "O mais recente de todos, pois foi pintado em Laren, em 1941.

Parece que Van Megeren começava a achar excessivo o aparecimento de telas de Vermeer, porque tentou imitar outros artistas celebres. Fez um pequeno quadro, de 60c. por 80c., no estilo de Pieter de Hoogh: o "Interior". Mas, ao que se saiba — pelo menos, de acordo com o seu depoimento — não levava a fraude por diante. Talvez por estar já bastante rico e ter realizado a sua intensão de desforra — embora guardada

"A adúltera" — que foi trocada por 143 te'as alemãs.



no recesso de sua alma — contra os abalizados diretores e peritos que sempre recusam suas obras, realmente excelentes.

Este notável incidente projetou na história das artes, em todos quadrantes, duas figuras já agora celebres: Vermeer e Megeren. Qual é maior? Parecerá absurdo que possa haver quem oscile na classificação entre um pintor do século XVII, já suficientemente discutido e um falsificador, embora de incontestável talento.

Eu, porém, tenho dúvidas — e me acho inclinado a dar a primazia ao atual. Quem era Vermeer? Minha biblioteca de arte não é importante, mas nela não encontro Vermeer em grande destaque. Van Wartheene, no seu excelente *Estudo sobre a arte na Holanda*, fala extensamente de Jan Steen e cita um grande número de pintores seiscentistas, entre eles: Metz, Don Bronwer, Frans van Mieris, o moço e o velho, Tessiers, Rembrandt, Breckelcamp, Hoogh, Dusart, Ostade, van der Werf e outros. Mas, não dá uma palavra sobre Vermeer, nem sobre Van der Meer, como lhe chamam alguns autores, como Rousse. Roger Peyre, em sua *História Geral das Belas-Artes* — que vem desde as origens até fins do século XIX, não se refere a esse pintor, tido como ilustre, entretanto. Henri Havard, em *Artistas Celebres*, cuida muito de Michiel Van Mierevelt e de seus famosos retratos — e consta ter mais de dois mil — e de um rol de artistas do tempo, como Jean



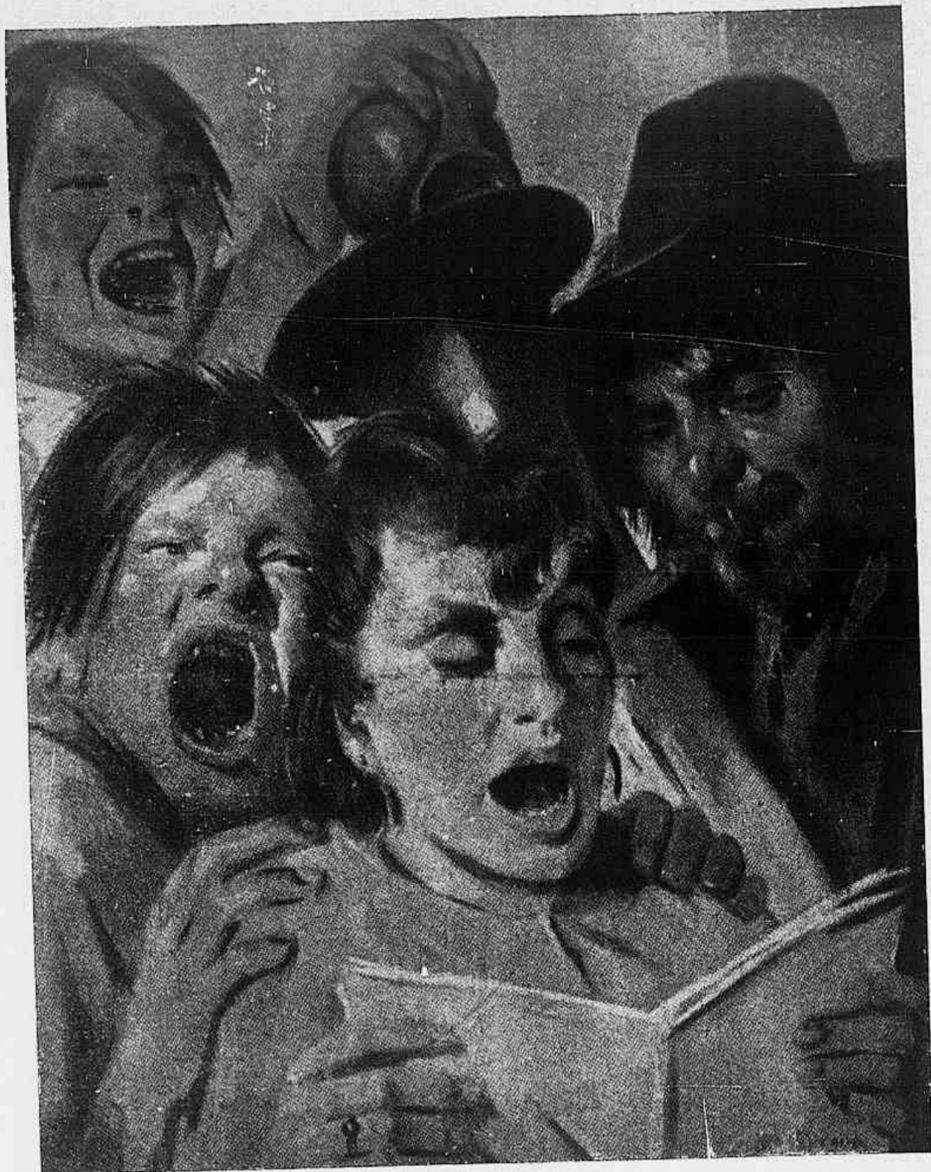
"Jesus pregando no templo" — o quadro pintado em dois meses por Meegeren, e, deste modo, provou merecer produzido obras de imenso valor artístico.

Van Revensteyn, Frans Hals, Th de Relser, Van der Helst, Mander, Decamps, Jerome Wierix, Willemez, Augustynez, Henri Van Cleef, Franken, Pourbus, Morelse, Pieter Montfort, Cluyt, Van Dick, Bailly, Cornede Visscher, Mermam e muitíssimos outros. E não cita Vermeer... O que se pode depreender de algumas breves citações é que Vermeer era um interiorista e um paisagista, uma enciclopédia cita como suas obras principais: "Vista de Delf" — "Renderia" e "Criada lendo uma carta". Por que, então, Van Megeren, querendo imita-lo, preferiu assuntos religiosos. Como vimos, todos os seus quadros que assinou falsamente são bíblicos. Teria agido por engano?

Detalhe do quadro "Os discípulos de Emmaus", considerado como um verdadeiro Vermeer.



Neste semblante, que figura no quadro "Jesus pregando no Templo", observa-se o "deterior" de que Hans se serviu mediante processos químicos. Atente-se no "craquelé".



"Grupo musical" — do proprio Meegeren.

É de supor-se, embora seja razoável que o mestre do século XVII tenha pintado tais assuntos, que eram os preferidos nessa época. Digo, porém, que talvez tenha agido por engano, porque existe uma tela muito conhecida na Holanda: "Christo desaparece de ante de Emaus". Essa obra é de pintor Jan Steen, mas é analisada por Weierman, que a classificou como obra-prima. Haveria talvez uma confusão de nomes, ou uma impressão mal averiguada. Van Megeren, porém, afirmou-se como pintor de merito — não só pelas obras notáveis que realizou para atribuir ao antigo, como pelas telas que assinou honestamente. Nas obras atribuídas ao outro o artista foi metuculoso e magnifico. Sem ter em conta o estudo e as realizações que conseguiu para dar uma aparência perfeita à tela, à moldura e à tinta, a técnica também é maravilhosa. No estudo da cabeça de Christo — sem duvida a sua primeira execução, apesar de aparecer mais tarde — Van Megeren conseguiu uma expressão ao mesmo tempo suave e firme, provando ter empreendido o estudo espiritual do personagem. Os outros foram uma feliz composição em torno da figura principal, já dedicadamente estudada. O "Interior" de Pieter Hoogh poderia ser um dos seus melhores quadros. São quadro figuras do primeiro plano em torno de uma mesa. E a perspectiva alcança tres peças interiores, e, pela janela, um trecho de rua. Nada melhor no gênero. As proprias, as confessadas obras de Van Megeren, porém serão inferiores a essas imitações? Jamais. Aqui estão algumas interessantissimas. "Titus" um tipo popular de Lareus, um musico ambulante, aparece em tres delas. Uma é mesmo um retrato posado. Vê-se o homem com o seu instrumento, o seu trombone,

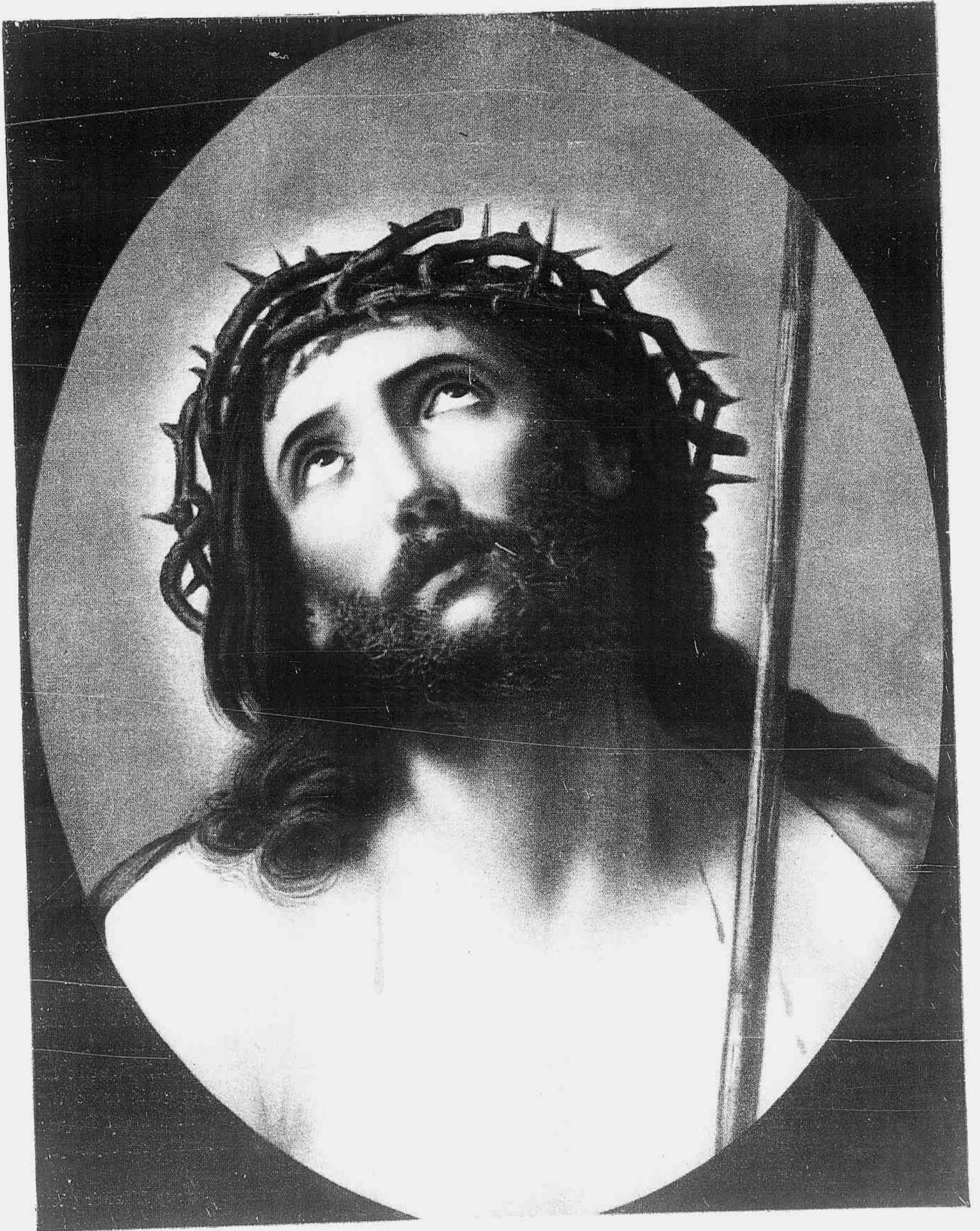
Nada há de mais natural e pitoresco, conseguido com processos ac efeito. A outra é Titus, junto à porta, sem duvida chegando de suas excursões musicais. O instrumento debaixo do braço, a mão no bolso da *vecchia zimarra*. O garrafão está ao lado. A terceira é o "Grupo Musical". Uma moça e duas crianças cantam, enquanto Titus acompanha com seu instrumento. Mas, um dos meninos, traquinas, aproveita a atenção geral, desviada para a musica, para despejar uma bilha d'água no alto do trombone. O bom humor do artista transparece. Mas, sobre tudo, a sua *maneira* é notavel e forte, sabendo colocar as criaturas em posição natural e dando-lhes a fisionomia a expressão propria. "Moça estudando", outra tela sua que aparece aqui, é excelente quadro, tão notavel, que faz de um assunto banal uma obra diferente de tudo quanto se tem feito nesse gênero quasi infantil.

Depois do depoimento da comissão técnica internacional — onde se achavam J. J. Glenderleith, diretor do laboratorio de investigações do British Museum e F. I. G. Raulins, do mesmo cargo do National Gallery, de Londres — forçada a aceitar a fraude que todos os interessados se esforçavam por negar — o promotor da justiça disse ao Tribunal que Megeren era um grande culpado, porque "ele arruinara a reputação de pessoas importantes" — mas também abalara a fé na propria Arte". Discordo desta ultima parte. Jamais a arte seria abalada exatamente por uma manifestação excepcional de arte, de arte magnifica, embora com intuitos fraudulentos.

Van Megeren, respondendo com ênfase ao interrogatório, disse: — "Sou um genio não compreendido pelos criticos!" Era mesmo — e seus quadros hão de ser vendidos por milhões: os que assinou e os que imitou dos mestres antigos. Ele não foi um criminoso — não falsificou. Foi um genio — imitou admiravelmente, e passará à posterioridade.

"Moça estudando" — do proprio Meegeren.





“Ecce Homo”

Tela de Guido Reni



OS ÍNDIOS BRASILEIROS NA POESIA DE GOETHE

ERNESTO FEDER

Goethe, a quem, graças aos seus amigos Eschwege e Martius, a natureza brasileira era bem familiar, nada sabia da literatura do Brasil. Criador da noção "Weltliteratur" (literatura universal) que deveria incluir, ao completar-se, todos os povos do mundo; leitor infatigável que, nas últimas décadas da vida, dava cabo de um volume por dia, era de uma ignorância completa em face de uma literatura que já possuía, quando ele morreu, poetas e prosadores como Gregório de Matos e Antonio José, Basílio da Gama e Antonio Gonzaga, Souza Caldas e José Bonifácio.

Foi com grande atrazo que a literatura brasileira se tornou conhecida na Alemanha. Em 1863 Berlim estampava, em língua francesa, a primeira "Literatura Brasileira" de autor alemão, o professor Ferdinand Wolf, de Vienna, que tinha ao seu dispor a farta coleção de livros brasileiros que a Biblioteca Nacional Austriaca fizera vir do Brasil.

Mas se Goethe nada sabia da literatura brasileira, pode, ainda assim, apreciar a poesia dos índios do Brasil e adaptar umas amostras. Quem lhe serviu de intermediário foi Montaigne, o qual tivera ensejo, de conhecer, de perto, alguns índios brasileiros autênticos. Foi isto em 1563, em Rouen, quando três tupinambás foram apresentados ao Rei Carlos IX. Já desde a expedição de Jean Denis de Honfleur, em 1504, havia relações íntimas e muito amistosas entre os normandos e varias tribus, tais como os tupinambás, os tamoiós e os tabajaras. "Y Katu Karaibi" (como são bons os franceses!), diziam eles ao padre Yves de Evreux.

Não obstante preferissem a carne branca, nunca devoravam franceses. Daí por diante toda gente se dizia francesa. Hans Staden, originário de Hessen, preso pelos canibais e vendo preparar-se o festim de que ele deveria ser o prato principal, teimava que a França, e o Hessen eram a mesma coisa. O chefe Koniam Bebe lhe respondeu: "Não se pode mais comer um só português sem que ele pretenda

ser francês. Já devorei cinco. Todos se diziam franceses".

O senhor Michel de Montaigne tinha em grande estima esses denominados "selvagens" que ele julgava interessantes, afáveis, simpáticos e menos crueis que seus patrícios. Conversava horas a fio, com um deles, o "Rei", graças a um interprete que, entre os franceses, era facil encontrar. Qual quer navio normando que abordasse o litoral brasileiro, desembarcava um marinheiro que, para aprender a lingua, assumia o teor de vida e os habitos da região, andando nú e tatuado, casando-se com varias mulheres e não se esquivando a participar de seus prazeres gastronomicos.

Como Montaigne perguntasse a esse Rei qual era a sua prerrogativa, o indio respondeu que era a de ir à frente nos combates. E quando o fidalgo francês indagou do número de homens que ele comandava, o outro, que pouco sabia de números, lhe mostrou um espaço para indicar que eram tantos quantos pudessem caber ali, isto é uns quatro ou cinco mil. Montaigne informou-se pormenorizadamente acerca da vida dos índios, e isso graças a um homem que "estivera dez ou doze anos no sitio em que Villegaignon pisara e a que chamara França Antartica". Nada de bárbaro via nessa gente "exceto o chamar algum barbaro ao que é alheio ao seu uso". Maior barbaridade se lhe afigurava o esfolar um homem vivo para pô-lo a tormentos e assa-lo numa fogueira, como fazem os europeus, do que o come-lo depois de morto. Não se diga que ele faz, diretamente, o elogio do canibalismo. Observa, entretanto: "Podemos chamar-lhes bárbaros segundo as regras da razão mas não segundo nós outros que a eles nos avantajamos em barbaria".

Elogia, principalmente, o destemor dos prisioneiros que, amarrados e tendo a morte diante de si, nunca se confessam vencidos. Cita, a proposito, uma "Canção do cativo" que, inabalavel, exprova os inimigos que lhe mastigarão a carne:

"Vinde sem medo e vos ajunteis para me jantar. Haveis de comer, em cada pedaço sempre e sempre, vossos ancestrais, os que serviram de força e alimento ao meu corpo.

Estes musculos, esta carne e estas veias, são os vossos, miseros loucos que sois por não reconhecerdes que aqui vai a substância dos membros dos vossos maiores. Saboreai-o bem e achareis o gosto de vossa propria carne".

Entusiasma-se Montaigne com essa atitude viril e exemplar. Não sabemos se Goethe mantinha, pelos canibais, a mesma predileção. Fóra de duvida é que sabia apreciar a saborosa poesia, sendo aliás indiferente se se trata de autêntica literatura india ou de invenção de Montaigne. Tomando da prosa do francês e de unha tradução alemã anterior põe-na em versos harmoniosos e fortes cujo ritmo, com a solene gravidade dos espondeus, reproduz, fielmente, a suprema ironia do precito. Encontrado entre os seus papeis póstumos, sem indicação de fonte, foi esse poema incorporado às poesias de Goethe.

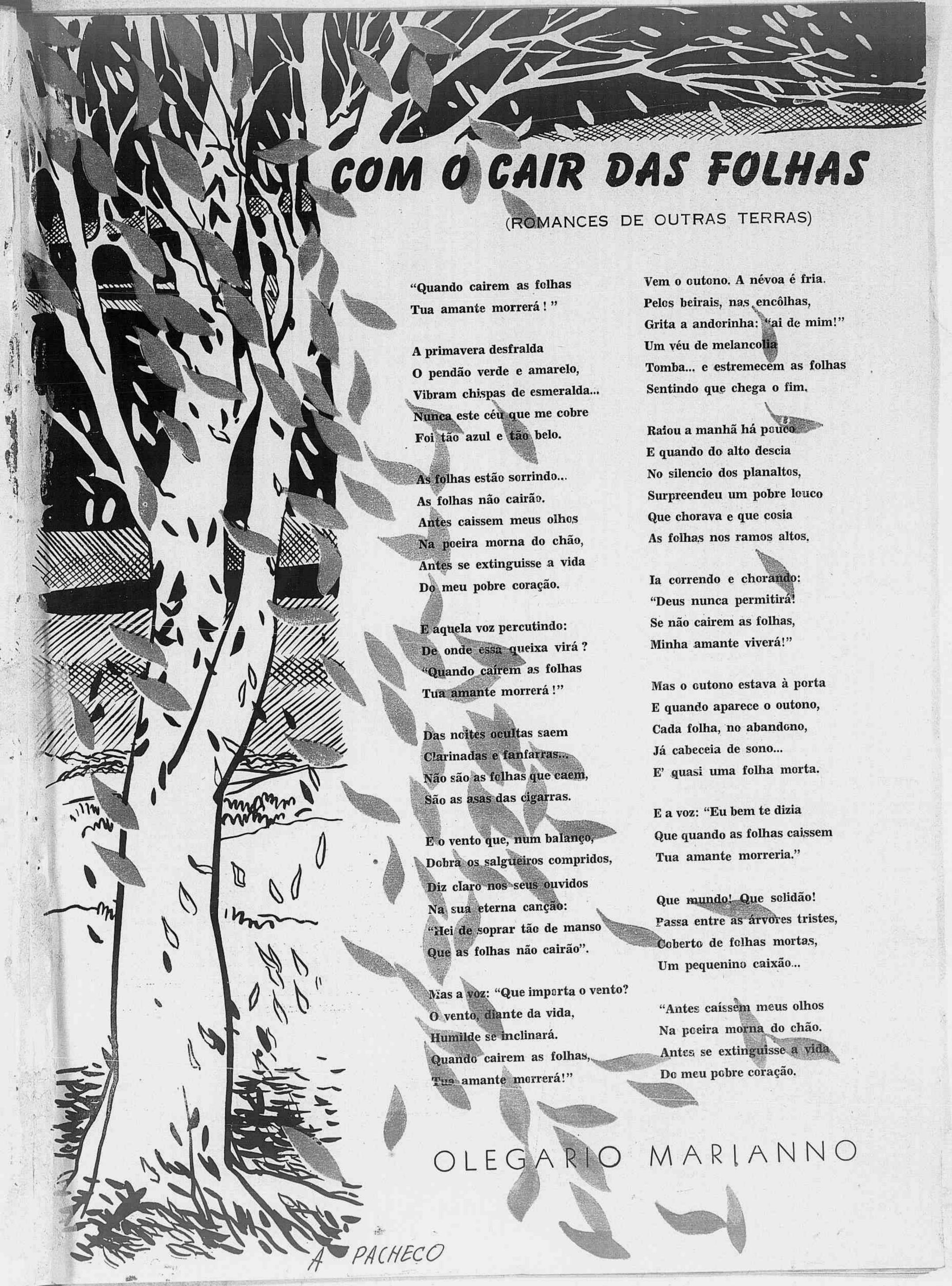
Montaigne, no mesmo capitulo XXXI do Primeiro Livro dos seus "Ensaio", cita uma "Canção de Amor" indigena:

"Detem-te, serpente, detem-te, serpente, para que minha irmã copie, no padrão de tuas tintas, a feitura de um vistoso colar que eu darei à minha amada. Possa, para sempre ser tua beleza preferida à de todas as demais serpentes".

O indio poeta, ao que parece, alude à cobra coral, de formosas côres, e que tão a miude participa das lendas nativas. Montaigne tem esse falar em conta de "o mais doce do mundo e o de mais gratos soidos".

Esse poema, traduziu-o Goethe em belos versos brancos, os quais, sob o titulo "Brasileiro-1826" enviou à Grã-Duqueza de Weimar, Anna Amelia, em cujos papeis foi encontrado.

Nas fontes que nos falam da poesia tupí nenhum vestígio encontro dessas duas canções. Pena é que Goethe não haja conhecido as demais antigas indigenas, recolhidas, mais tarde, pelo general Couto de Magalhães e por Silvio Romero, cantigas estas, onde, na linguagem sincera do "lied", o amor se exalta e chora a saudade. Se as tivesse conhecido, teria, por certo, enriquecido a literatura alemã e universal com alguns poemas imortais.



COM O CAIR DAS FOLHAS

(ROMANCES DE OUTRAS TERRAS)

“Quando cairem as folhas
Tua amante morrerá!”

A primavera desfralda
O pendão verde e amarelo,
Vibram chispas de esmeralda...
Nunca este céu que me cobre
Foi tão azul e tão belo.

As folhas estão sorrindo...
As folhas não cairão.
Antes caissem meus olhos
Na poeira morna do chão,
Antes se extinguisse a vida
Do meu pobre coração.

E aquela voz percutindo:
De onde essa queixa virá?
“Quando caírem as folhas
Tua amante morrerá!”

Das noites ocultas saem
Clarinas e fanfarras...
Não são as folhas que caem,
São as asas das cigarras.

E o vento que, num balanço,
Dobra os salgueiros compridos,
Diz claro nos seus ouvidos
Na sua eterna canção:
“Hei de soprar tão de manso
Que as folhas não cairão”.

Mas a voz: “Que importa o vento?
O vento, diante da vida,
Humilde se inclinará.
Quando cairem as folhas,
Tua amante morrerá!”

Vem o outono. A névoa é fria.
Pelos beirais, nas encôlhas,
Grita a andorinha: “ai de mim!”
Um véu de melancolia
Tomba... e estremecem as folhas
Sentindo que chega o fim.

Rafou a manhã há pouco
E quando do alto descia
No silencio dos planaltos,
Surpreendeu um pobre leuco
Que chorava e que cosia
As folhas nos ramos altos,

Ia correndo e chorando:
“Deus nunca permitirá!
Se não cairem as folhas,
Minha amante viverá!”

Mas o outono estava à porta
E quando aparece o outono,
Cada folha, no abandono,
Já cabeceia de sono...
E' quasi uma folha morta.

E a voz: “Eu bem te dizia
Que quando as folhas caissem
Tua amante morreria.”

Que mundo! Que solidão!
Passa entre as árvores tristes,
Coberto de folhas mortas,
Um pequenino caixão...

“Antes caissem meus olhos
Na poeira morna do chão.
Antes se extinguisse a vida
Do meu pobre coração.

OLEGARIO MARIANNO

A PACHECO



Sergio Cardoso na sua notável interpretação de Hamlet

Sergio Cardoso e Sergio Brito no papel de Horacio.



Mesmo morrendo, Hamlet diz que o "resto é silêncio", mas quando se fecha o velário de veludo do Teatro Fenix, os comentários desmentem a sentença do príncipe dinamarquês. E que, com esse verão verdadeiramente carioca, a vitória de nosso teatro de Shakespeare nas margens guanabarinhas é tão grande que nem a canfala, o carnaval e a crise puderam abafar, demolir e derreter.

E um rio imenso, largo, caudaloso de artigos, comentários e aplausos mostraram quanto é eterno o teatro.

As mais possantes empresas cinematográficas, com uma riqueza de publicidade que sempre nos deslumbra, a ponto de nos impingir nulidades com Dorothy Lamour, nunca tiveram coragem de apresentar em pleno verão e véspera de carnaval nenhum dos seus sucessos garantidos com nomes rutilantse.

No entanto, Paschoal Carlos Magno é o triunfador que conseguiu vencer o tempo e o espaço. E falando assim dum homem que na mocidade tudo fazia para aparecer e vencer, mas como poeta e adolescente só olhava a vitória fácil e o lado efêmero da publicidade — e por isso foi tão censurado — hoje, depois dum inteligente banho de Inglaterra, essa mesma Inglaterra que de tempos em tempos nos assusta e deslumbra, nos traz com a experiência, a serenidade, a confiança nos estudos a força de que o teatro precisava.

Durante o tempo de sua estadia no exterior por aqui ficaram outros batalhadores que muito fizeram para preparar o terreno com que o atual diplomata, dando mais alento e grande experiência, acaba de nos encher de orgulho. O Semeador teve boa colheita.

Dirão que é amadorismo, pois o profissionalismo ainda sobrepuja e dá renda ao teatro de ínfima classe. E audácia para nosso meio e clima que respiramos a tragédia mesmo eterna.

HAMLET

A casa de espetáculo não tem refrigeração, e a todos admirou, na capital dum país tropical, manter por mais de dois meses uma tragédia.

Em pleno Janeiro e Fevereiro, defronte do carnaval, quando até os clubs de *foot-ball* arrefecem o entusiasmo com 38.º à sombra, os quatro atos de Shakespeare mostram todas as semanas em noites gloriosas a eternidade do teatro.

Não, amigo Hamlet, nem tudo é silêncio.

A direção de Hoffmann Harnisch, os cenários de Pernambuco e, bem acima, a arte de Sergio Cardoso precisam ser conchamados aos quatro ventos.

Nossa plateia não é feita de gatinha que gosta de novelas para chorar e comediazinhas para gargalhar cretinamente.

E' a força do teatro no que éle tem de mais sério, de mais importante, mais alto e que já atravessou os séculos.

Nossa terra estava nascendo quando o filho de Strafford on Avon escreveu a maior peça teatral de todos os tempos: Hamlet. Nossa pátria evoluiu com o mundo: tínhamos índios, colonizadores, imperadores, presidentes de República; muita coisa foi mudada; outras ironicamente mudadas só no rotulo; falamos orgulhosamente em progresso e ainda ha muita selvageria com o título de civilização; enfim os séculos passaram mas ainda subsiste um escritor inglês e uma tragédia sobre um príncipe da Dinamarca que vence, venceu e vencerá o tempo.

E a história passada no castelo de Elsenor está, agora, constituindo um acontecimento na História do Teatro no Brasil. Outras gerações viram Hamlet. O teatro shakespeariano era para nós somente visto em temporadas internacionais. Alguns viajantes falavam de platéas do mundo aplaudindo Hamlet e nós envergonhados com um teatrinho anêmico e um cineminha de importação.

De subito, em pleno verão, nas vésperas do Carnaval, um poeta salvo dos bombardeios londrinos, nos apresenta a joia rara. Uma velha história, uma fantazia escrita há muitos séculos que ferreteia, corta e castiga, apontando nossos erros e crimes, tudo idêntico aos nossos dias para mostrar a igualdade no tempo e no espaço. Nada mudou...

Não um Hamlet de velhas fotografias, com o ator bem entrado nos quarenta anos de palco, gordo, ajeitado numa cabeleira loura, mas um jovem patricio, saído da Universidade e com a idade do príncipe da Dinamarca. O Teatro do Estudante apresentou uma revelação... Uma força nova. Uma vitória integral de que ninguém podia discordar, uma vitória tão grande que ninguém pode contradizer.

Como volta, facilmente, para junto de nós uma história de quatro séculos, cobretudo, mostrando, o impudor, a falta de responsabilidade. as lições de moral que não foram aprendidas, os erros que não foram corrigidos e até o fantasma do rei ainda é uma imagem de nossos dias...

E sobre o adolescente nobre dinamarquês, do qual existe uma biblioteca inteira para estudar a alma — ou melhor — que todos aceitam e ninguém explica, aquele que, no minuto supremo de vida pede a Horácio que explique ou esclareça a todos os que duvidam do seu proceder; encontrou em Sergio Cardoso

um talento e sensibilidade que nos satisfaz a tudo que nos restasse de exigência de apreciador insatisfeito da arte de re-re-sentar.

Os silêncios, os soliloquios, as paixões, o movimento da cabeça, o olhar frio ou amoroso, o crisar dos dedos, o amargor da boca o andar cauteloso, a agilidade no subir a escada, bater-se em duelo ou cair de joelho, e ainda a voz, chorando, gemendo ou gargalhando, gestos e palavras como ninguém tinha feito até hoje em nosso teatro.

Não sou dos que vão prognosticar para Sergio Cardoso rasgar o diploma de bacharel para abraçar a arte de Thalma. Todos nós temos um destino e não serei presunçoso em ditar para outros caminhos à seguir. Do pouco que conheço de nosso ambiente mesquinho e tão sinuoso temo a luz forte que brilhou, agora, para Sergio Cardoso. Tudo aqui é tão aspero, cheio de verão, carnaval e *foot-ball*, tanto que saudei a vitória do Teatro do Estudante, mas, sempre pessimista, sei que nosso estreito ambiente não permite sempre espetáculos de arte. Também o vitorioso Paschoal Carlos Magno muito bem sabe disso. Há 20 anos lutamos e vemos os primeiros aplausos. Mas os aplausos de verão dificilmente pagariam o preço do pão no inverno...

A criação duma empresa ou companhia permanente exige bases mais sólidas, principalmente do elemento público, e ainda os estudantes tem um destino a realizar e o caso da grande vitória de *Hamlet* espanta a todos porque é quase um milagre e portanto dificilmente daria margem a que os universitários abandonassem bancas de estudos e mesmo diplomas pela incerta luz da ribalta.

Sebastião Fernandes

Carolina Sotto Mayer em Rainha Gertrudes

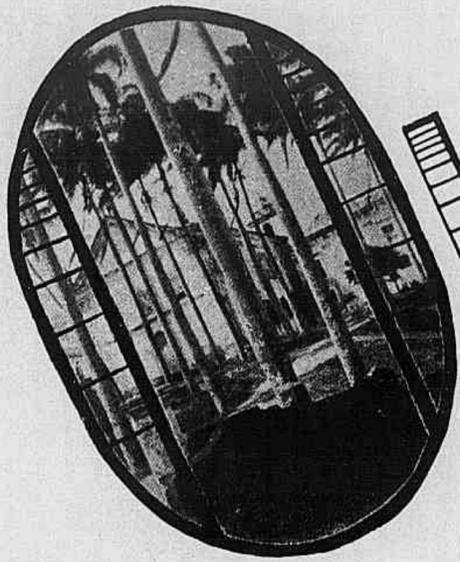




Arte fotográfica

D. Quixote e Sancho Pança, figuras imortais da literatura, mais uma vez serviram de inspiração a um artista.

Esta magnífica composição fotográfica foi realizada pelo nosso colaborador Dr. Dagoberto Ramos de Almeida, residente em São Paulo, pela combinação engenhosa de duas estatuetas sobre um chão de serragem, projetando-se num fundo artisticamente desenhado para completar a cena.



OLINDA, A CIDADE DOS MONTES

A SÉ E A REFORMA QUE
A MATOU -- NO ANTIGO
COLEGIO DOS JESUITAS
É COMO SE REABRIS-
SÍMOS UM LIVRO MUITO
QUERIDO.

ALEXANDRE KONDER

Olinda é uma cidade de montes e de praias. Principalmente de montes. Aliás, os montes de Olinda estão intima e inseparavelmente ligados à sua história, que também o é dos primeiros anos da nacionalidade. "A piedade desenvolveram-na os olindenses no alto dos montes e em edifícios de pedra-e-cál, escreve Gilberto Freyre. E acrescenta que esses "montes dão mais na vista não só do viajante como do historiador". E é verdade. Quem duvidar que vá até lá e consta e o que poderá fazer com Olinda se quiser prescindir dos seus montes.

Não lhe restarão senão as praias — essas praias que, no passado, apenas serviam para os despejos, mas que hoje fazem as delícias dos veranistas — e o Beberibe, tão ligado à tradição local.

Com tantos montes, Olinda não podia deixar de ser uma cidade de ladeiras. Estas não são, porém, como as de Ouro Preto, que a todo instante nos ameaçam fazer rolar pelo calçamento abaixo. São mais suaves. Corre por elas uma brisa tão fresca, há tanta luz bonita e tanta paisagem verde por toda parte que a gente nem sente a caminhada. Apesar disso há uma travessa ou beco chamado "das cor-

tezas" que inspira temor ao visitante. É quase a prumo! . . .

Um dos passeios obrigatórios a se fazer em Olinda é à sua Sé — igreja do Salvador do mundo. Ela data da infância da cidade e, no principio, foi modesta.

Depois cresceu e ficou imponente. Tão imponente que os holandeses não conseguiram destruí-la . . . Vários bispos foram sepultados no seu chão venerável, inclusive o "bispo santo" D. Matias de Figueiredo e Mello, sobre cuja sepultura escreveram os seus contemporâneos um extenso epitáfio.

No século XVII essa igreja sofreu reformas que sobremaneira a engrandeceram, mas no principio deste — exatamente em 1911 — a velha Sé foi mortalmente atingida pela febre reformista de um bispo de mau gosto . . .

O que o invasor não obteve na sua fúria contra Olinda, obteve-o tranquilamente esse príncipe da Igreja com meia dúzia de pedreiros e de carpinteiros . . .

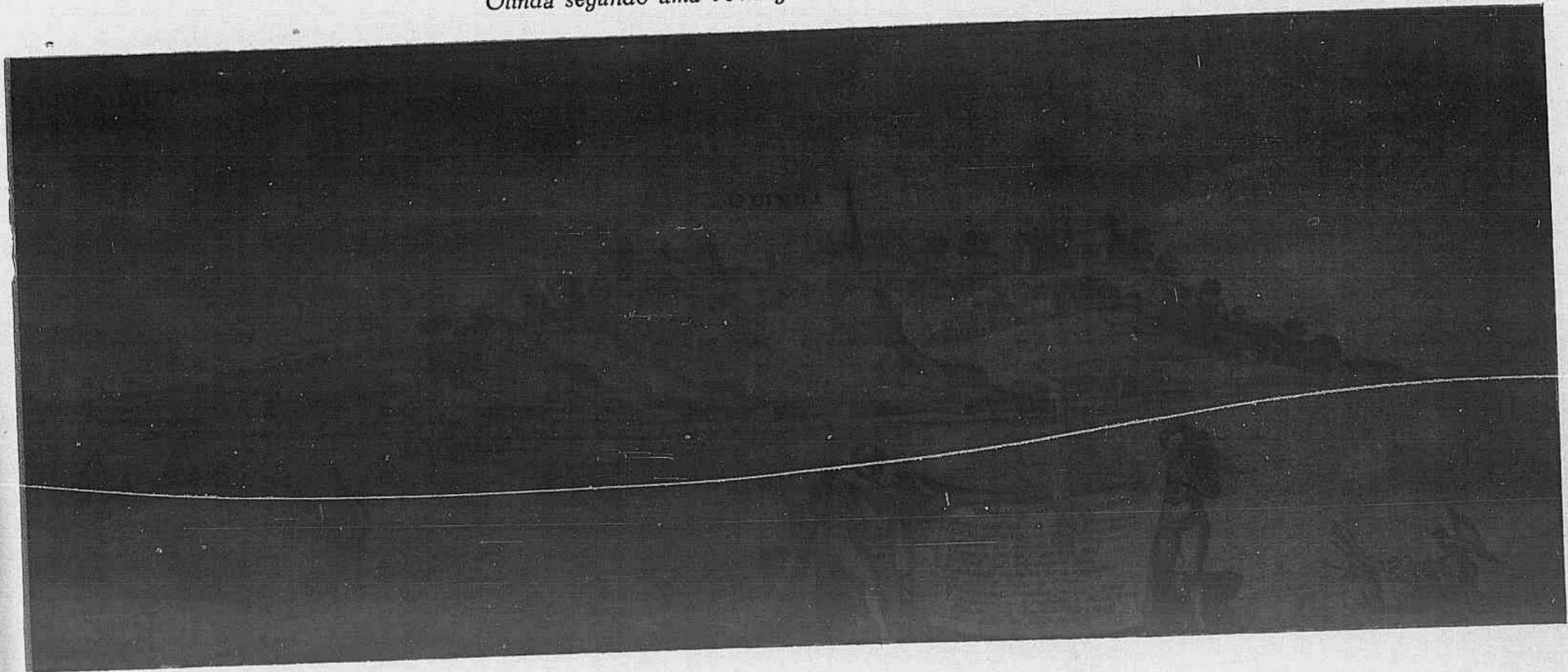
Não há quem não lamente o que se fez de irreparável contra o mais ilustre dos templos olindenses. Uma cousa, horrósa, enfim! . . . E dizem que andaram até trocando as sepulturas dos bispos . . . Quanto aos azulejos preciosos que enfei-

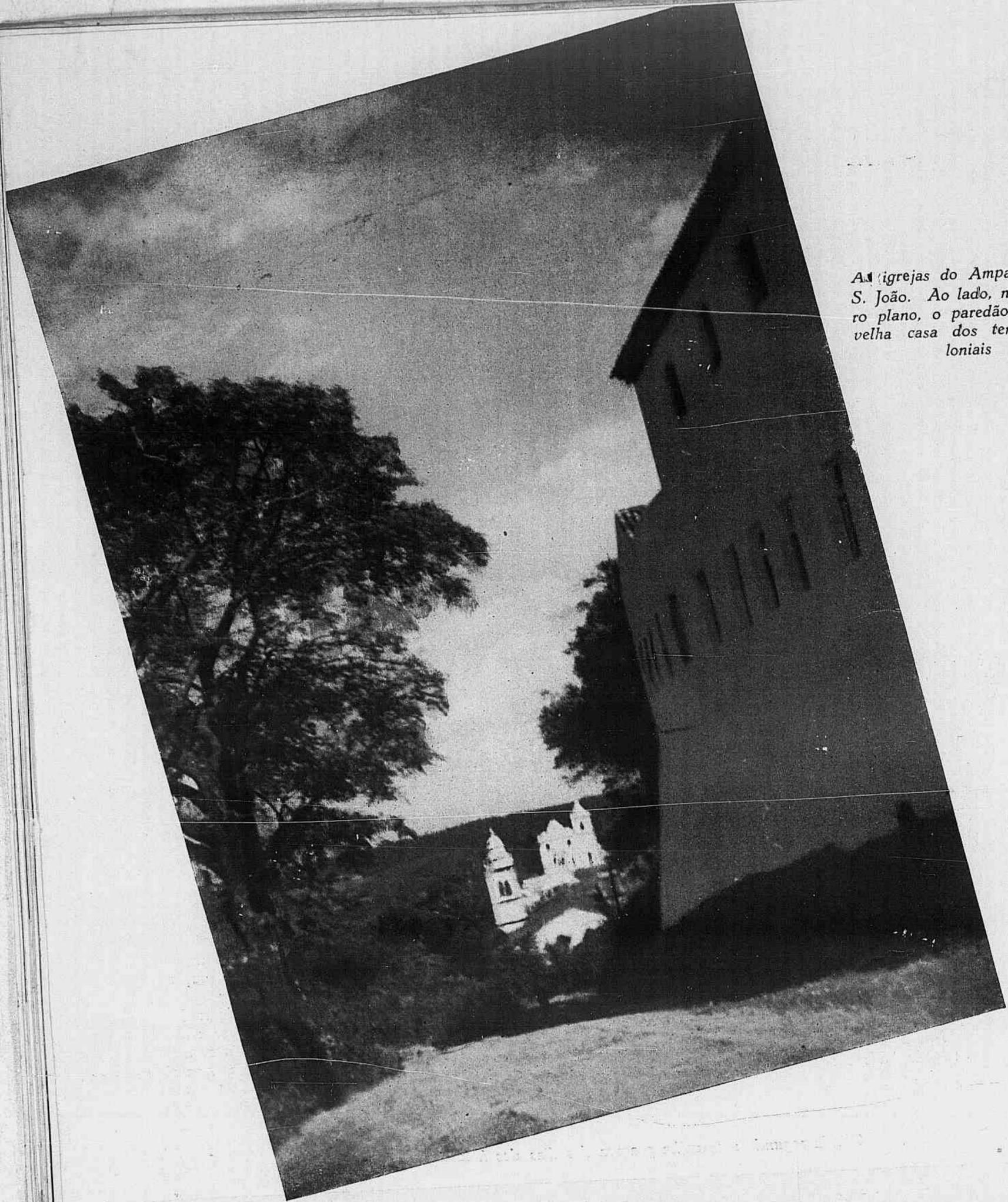
tavam a nave, estes foram atirados aos terrenos baldios e conta-se que os meninos os partiam para os seus estilingues. Acreditem ou não, mas a verdade é que muito passarinho foi alvejado com os cacos desses magníficos azulejos. Se não nos enganamos, o Dr. Simoens da Silva conseguiu recolher ao seu museu dois esplendidos painéis em azulejo desse templo, mas quanto aos manuscritos que lá existiam nos armários embutidos da sala das reuniões capitulares, destes não se tem notícia . . .

Nessa sala vimos algumas pinturas de grande valor, como o retábulo de Sta. Quitéria, o Bemaventurado Olegario, Sto Otaviano, etc. Com a malfadada reforma de 1911, porém, muitas outras obras se perderam, umas diretamente atiradas aos montes de entulho, outras para que as suas tabuas servissem de andaime aos operários! . . . Graças aos padres José do Carmo Barata e Xavier Pedroza algumas dessas pinturas conseguiram ser reconstituídas.

Em suma: o turista amante da tradição e das belas Artes que quizer se aborrecer a serio, não deve deixar de visitar a Sé de Olinda. Diante das selvagerias que ali se praticaram, ele terá uma ideia exata de

Olinda segundo uma velha gravura dos dias dos holandeses





As igrejas do Amparo e de S. João. Ao lado, no primeiro plano, o paredão de uma velha casa dos tempos coloniais

quanto é capaz o mau gosto de certa gente atirada a retormista.

Nossos passos erram agora pela neve da igreja do antigo Colegio de N. S. das Graças ou melhor: do atual Seminario de Olinda

Como nos tempos idos, a primitiva igreja dos jesuitas domina a paisagem em toda a sua extensão. Sente-se ali uma deliciosa sensação de bem estar, de tranquilidade absoluta. Apenas o barulho das copas dos coqueiros dansando ao vento da tarde quebra o silencio edenico desse recanto tão gloriosamente ligado à historia da nossa cultura. É tão sedutor o panorama que a gente não sabe se deve entrar no templo ou se ficar à sombra das velhas arvores olhando para o que vai pelo der-

redor — a igrejinha do Monte, tão pequenina e tão bem plantada na paisagem; as jangadas que lá no mar abrem ao vento as suas velas, velas que Nabuco chamou de "penas destacadas das grandes asas da coragem e do sacrificio e tambem da necessidade humana"; as torres das outras igrejas; os telhados dos conventos; a ramaria farta das mangueiras, dos coqueiros, das jaqueiras e até essa coisa monstruosa que é a caixa d'agua, tão deslocada no seu cimento armado — coitada! — dentro dos cenarios de Olinda. Por causa desse casarão "feio e forte" que temos ante os olhos — colegio dos jesuitas nos tempos em que Vieira andou pelo Brasil ensinando teologia e fazendo pregações; cidade riversitaria à epoca do

bispo Azeredo Coutinho e seminario desde 1800 — é que Olinda merece o titulo de Coimbra brasileira, com o Beberibe fazendo o Mondego.

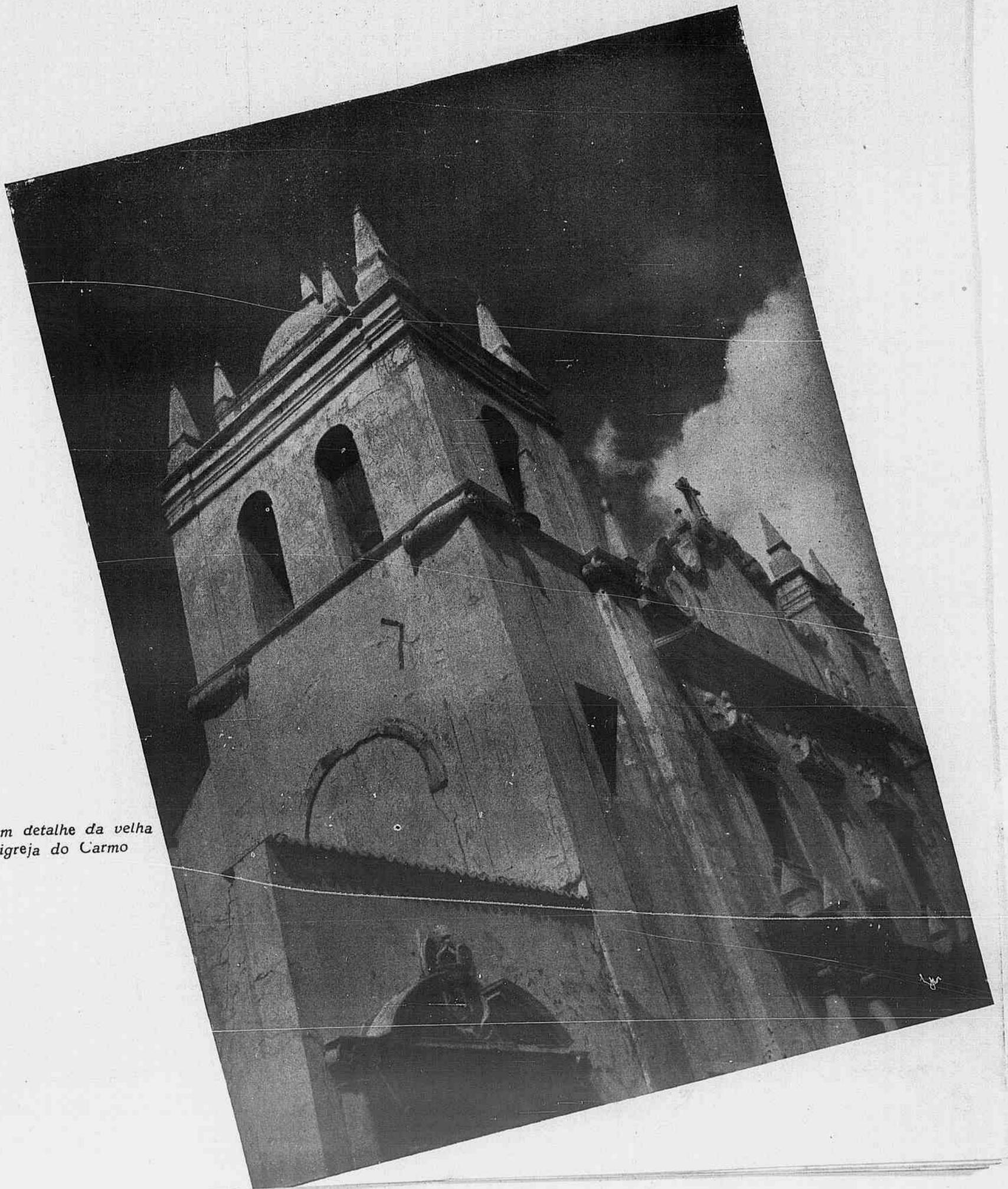
E' verdade que somente em 1828, quando no convento dos beneditinos se instalou o Curso Juridico, é que a cidade de Duarte Coelho fez jus pleno a esse honroso titulo, pois só então suas ruas, suas ladeiras, seus montes e suas praias se encheram de estudantes, que até 1854 a dominaram por inteiro com os seus d'scursos, as suas polemicas ruidosas e tambem com as suas pandegas.

Zacarias, Sinimbu, Cotegipe, Euzebio de Queiroz, Sergio de Macedo e tantos outros nomes illustres passaram por esses chãos olindenses, trazendo, não raro,

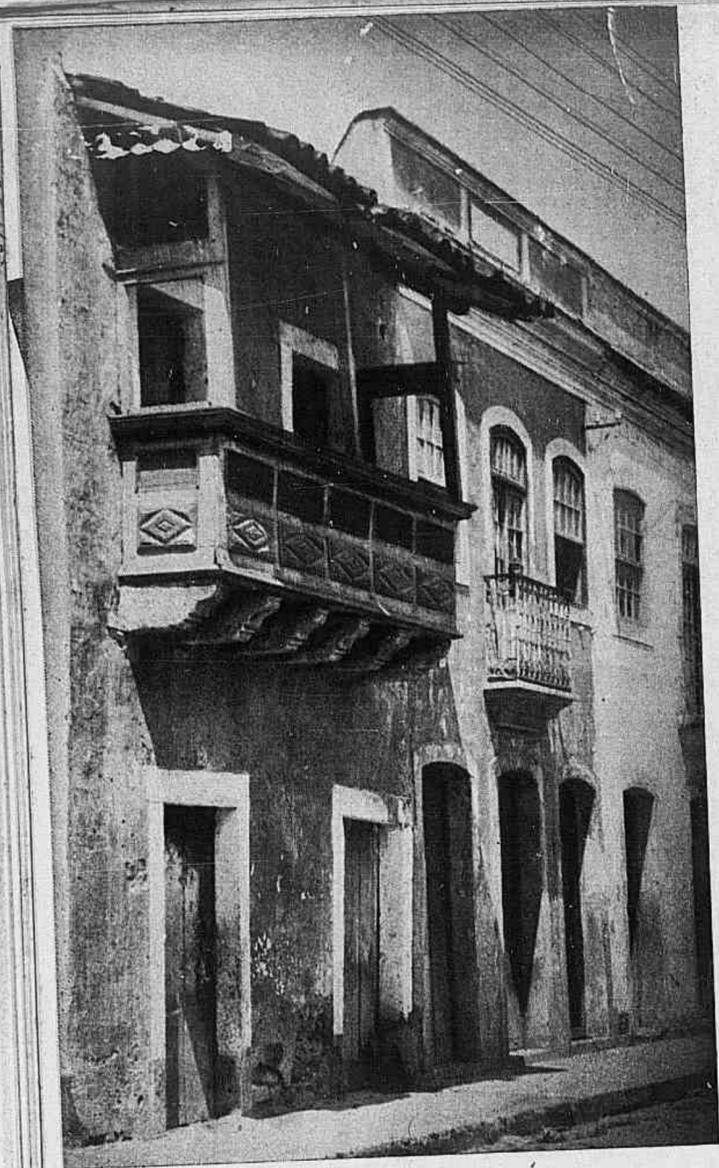
alarmados os frades e os padres, com a sem-cerimonia com que pregaram certas ideias incompatíveis com a tranquilidade e a gravidade do convento. Mas, se o Curso Juridico do Mosteiro de S. Bento deu a Olinda a algazarra dos seus estudantes, o Colegio dos jesuitas foi também a célula-mater da instrução no Norte do país, o lugar onde primeiro — em 1569 — se principiou a ensinar a lei e a escrever aos brasileiros do nordeste. "Então, diz-nos uma antiga cronica, começaram o padre Amaro Gonçalves e o irmão João Martins a pregar com muito fruto e a ensinar a ler aos meninos e a escrever . . ."

Foi nele também, na casa fundada por Manoel da Nobrega, que pela primeira vez em solo pernambucano se levou avante uma representação teatral. Isso para comemorar um encerramento de curso e conta-se que esse espetáculo "causou muita devoção" aos presentes. Durante a invasão holandesa o colegio foi quartel dos invasores até o tristemente celebre dia 25 de novembro em que, ao se mudarem para Recife, os batavos fizeram de Olinda uma só fogueira. Expulsos os estrangeiros, ressurgiu o colegio para uma nova era e, desta vez, sob

o rotulo pomposo de Real Colegio de Olinda. Durante a "guerra dos mascates", porém, nuvens sombrias pairaram novamente sobre ele quando Machado de Mendonça o invadiu com a sua gente para prender André Dias, que nele se horiziara. Desta violencia entrou definitivamente na historia, pela bravura com que enfrentou os poderosos, o padre Paulo Carneiro, pernambucano ilustre que "governava o Colegio com o maior zelo e dedicação" e que, segundo Lomoto Couto, como premio, "teve uma morte feliz, com muitos sinais de predestinado".



Um detalhe da velha igreja do Carmo



Velho sobrado da rua do Amparo com abalconado mourisco

Pombal, entretanto, apareceu e, com ele, os jesuitas conheceram toda a escala das injustiças e da adversidade. Todas as suas missões e todos os seus collegios foram sumariamente fechados e eles — em numero superior a 400 — atirados para fóra do pais "enxotados como leprosos, ri-

dicularizados como saltimbancos, insultados como reprobos, maltratados como criminosos . . ."

E veio então a decadencia, a grande noite fria para "o ninho alcantilado da civilização cristã do norte". Durante quarenta anos ali nada mais foi do que um ajuntamento de "aves agourentas a piarem a nênia do protesto contra os iniquos destruidores de tão alta obra de amor e de progresso, diz-nos o Conego Parata, na sua "Escola de Heróis".

Mas, Pombal passou, afinal, como passam todos os despotas e um dia aportou a Pernambuco D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Ao novo bispo de Olinda coube a missão de restaurar o velho e abandonado Collegio de N. S. das Graças e de novo destina-lo ao seu fim secular". E tão bem se houve Azeredo Coutinho que, já a 16 de fevereiro de 1800, ponde o seminario inaugurar os seus cursos.

Carmelo Luna, na sua "Memoria historica", diz que esse centro de cultura foi "a mais perfeita escola de educação secundaria que houve até então no Brasil". E dele saíram os pioneiros de que nos fala o Conego Barata, "que prepararam em Pernambuco, e por que não dizê-lo, no Brasil inteiro, com o seu exemplo, o dia da independencia nacional:"

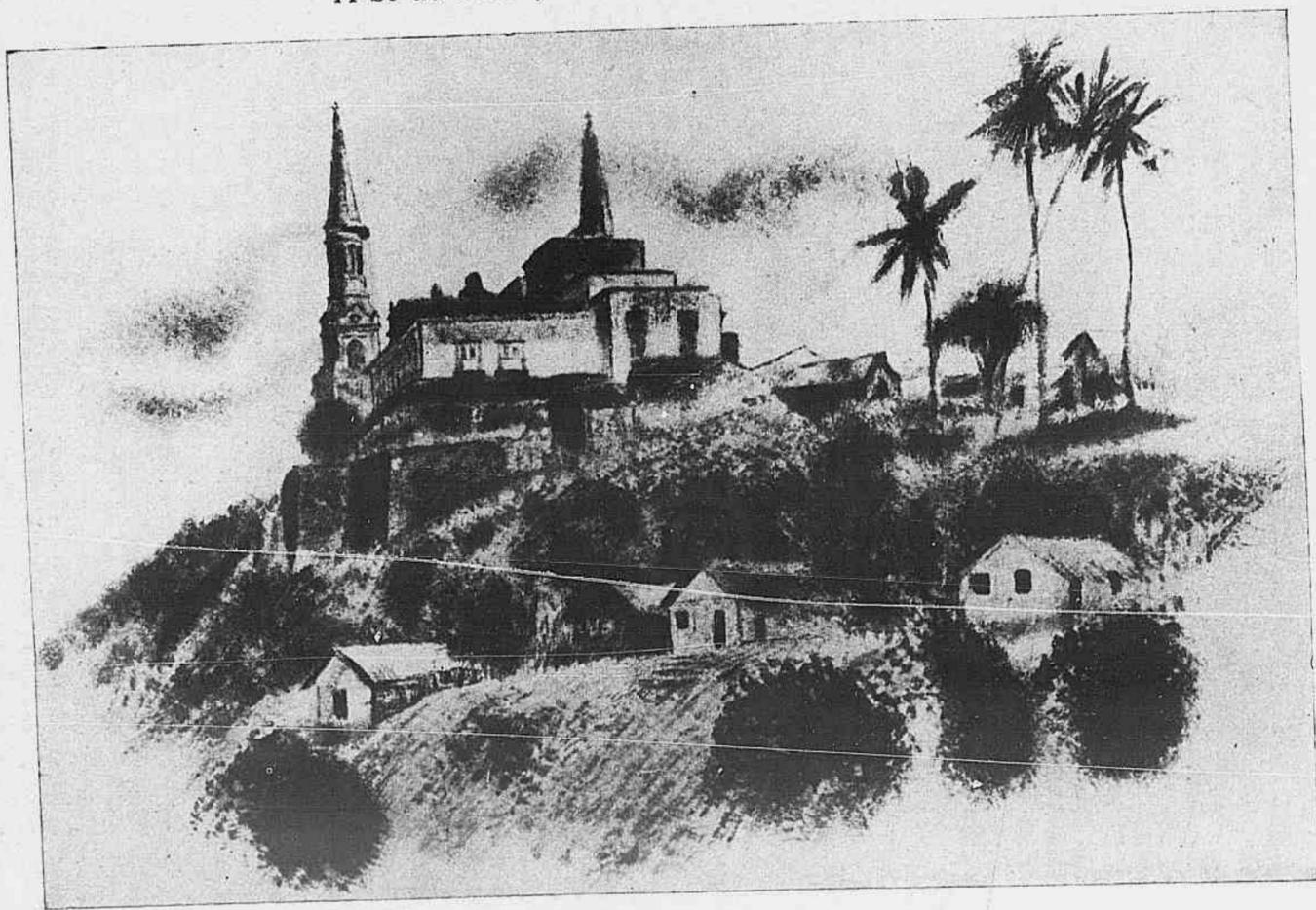
Mas, a revolução de 1817 — revolução de padres, escreve Oliveira Lima — trouxe para o seminario as suas consequências desastrosas, inclusive o fechamento das suas portas até 1822.

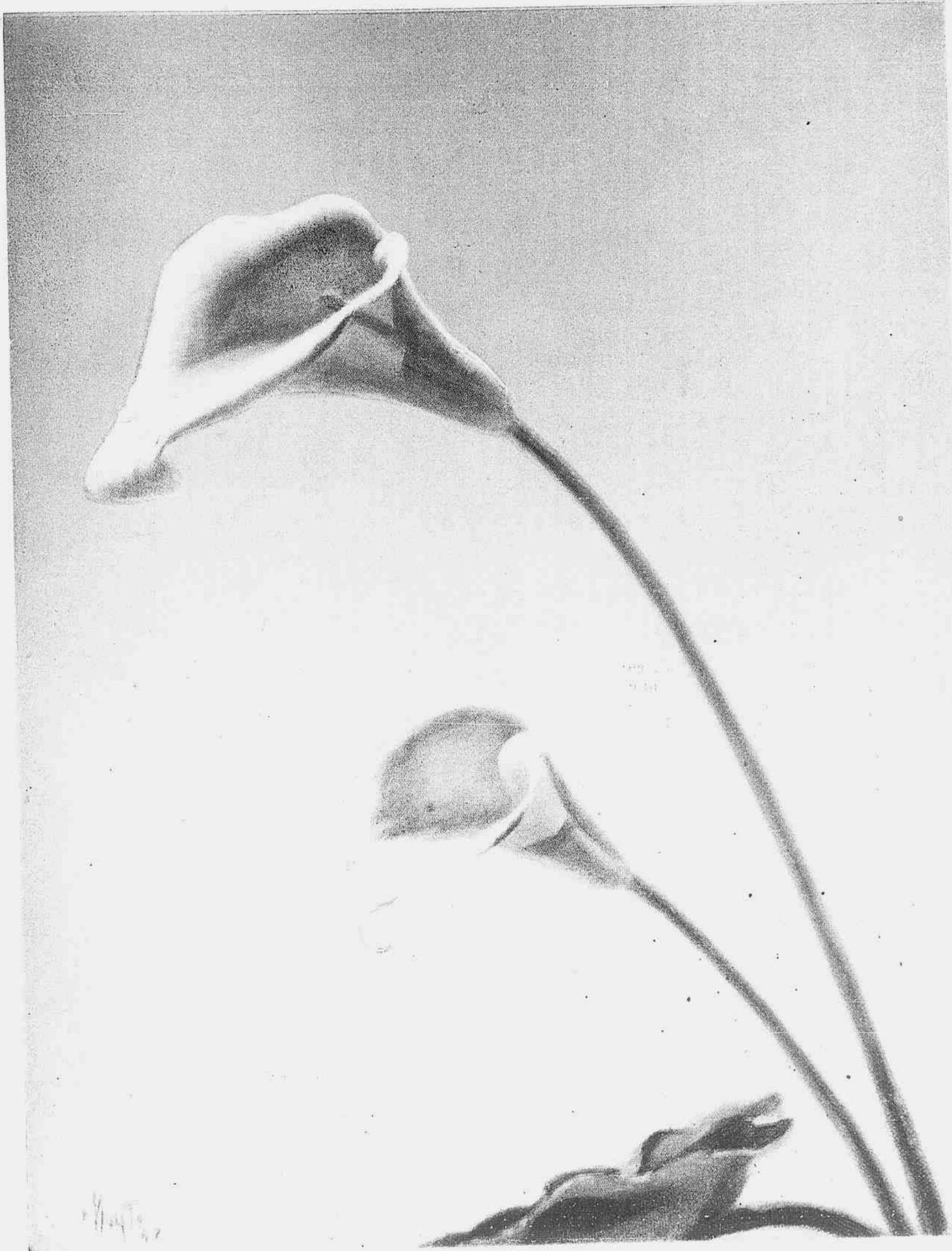
Reaberto sob o padre-mestre frei Miguel Joaquim Pegado, continuou ele a sua trajetoria magnifica até que, em 1849, por falta de recursos, teve que suspender novamente as suas aulas.

Desta vez, porem, suas portas não ficaram muito tempo cerradas, pois já em 1855 reabriu ele as suas matriculas em grande solenidade publica, a que compareceram o bispo e o presidente da Provincia.

Esta é a historia do casarão "feio e forte" que temos ante os olhos, e que durante quase dois seculos ministrou à juventude pernambucana uma educação moral e intelectual, e que há mais de cem anos vem dando ao Brasil os seus mais iusres doutores da Igreja. Dele saiu, entre muitos e muitos outros, esse grande padre Azeredo, "o infeliz espolado, até mesmo na sua Patria, de um dos mais uteis inventos modernos — a maquina de escrever." Todas essas recordações desfilam dentro de nós gostosamente, sem pressa, enquanto o crepusculo avança de mansinho, escondendo dos nossos olhos, cada vez mais, a grande paisagem de Olinda.

A Sé de Olinda, num desenho de Luiz Jardim





COPOS DE LEITE
Tela de Barros o Mulato

A razão humana, incapaz de compreender hoje, apesar da agigantada evolução da Ciência, viu-se apta para sentir e criar, milênios atrás, o transcendentalismo teológico.

Tanto mais ignorantes sejam os povos, tanto mais credulos e supersticiosos se manifestam.

A razão e a consciência — mais altos expoentes d'alma — passam a ser resultado direto e mediato da matéria e de suas circunstâncias dinâmicas.

O inglês toma a iniciativa e empenha esforços quando se satisfaz à previa certeza do sucesso; jamais se sublima em surtos icários e sempre marca um círculo de ação quasi tangente às linhas traçadas pela prática.

O americano atira-se, levado por incontida tendência para aquilo que entreve inegualável, colossal, e que possua probabilidades, aos favôres de rara maestria dirigente, de vanguardar os feitos congêneres conhecidos.

Como executor, a obra do americano revela-se uma maravilhação, estupenda, seja na arquitetura, seja nos empreendimentos industriais — negociaes, seja na sociedade avançada de um século sobre a européa.

Porque certa força existe, que impele de preferência o masculino elemento digno contra outro ainda mais poderoso, ao envez de terceiro mais fraco.

A certeza, a infalibilidade, asseguradas pelo antagonismo de condições entre os litigantes, é uma nodosa vil, uma mancha imensa que jamais deixaria de obumbrar o fulgor dos lobos de uma peleja.

A ideia de um ente infinitamente poderoso e justo, em primeiro lugar, dotação de consciência e personalidade, uno, opõe-se aos conceitos de finito e plural.

Resalta disso tudo que as religiões nasceram, brotaram da impertinência de um desejo inteiço, impotente o homem para realiza-lo.

O sentimento da religiosidade não deriva da absoluta dependência do homem à matéria, às suas propriedades e resistências, segundo leis imutáveis; tampouco brota de sua subordinação à Natureza: antes, da consciência da mesquinhez, tibieza e impotência, sob certa face ao extremo pessimista, diante deste grande ser que o surpreende, aterroriza e enfeticha — o Universo!

O horror do pensamento da matéria animada ao estado de ativa dissociação, aparentando um acabamento, deu lugar à obcecação do fenômeno na mente e consciência dos sobreviventes.

Fôra a alma simples e imaterial, criação divina monopolizadora do raciocínio e da consciência, de modo nenhum sofreria os efeitos vicia monopolizadora do raciocínio e da consciência, de modo nenhum sofreria os efeitos materiais da intoxicação.

A dificuldade é a benéfica força motriz que blinda a envergadura de um povo. A ideia da expansão, inata aos povos valerosos a quem o mar fecha em apertado cir-

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

CARLOS DE VASCONCELLOS

Selecionados por DE MATOS PINTO

culo, torna-se tanto mais impertinente quanto maior lhes é a fecundidade.

A medida que os povos crescem e se armam, mais se acentuam, com travos de azeduma, as incompatibilidades entre si; daí brotam e idéia expansionista o devoramento pleno da raça inimizada.

A idade de ouro na política americana ainda é paradoxalmente função do ferro mineral.

No climax de todos os povos engrandecidos, influentes de modo dominante sobre os demais, o ferro mostra-se fator primórdio, senão exclusivo.

Tanto maior seja um centro populoso, mais acentuadas em negrume se debuxam as sombras da pobreza, mais aterradora se apresenta a hediondez da miséria infinita: como tal, mais infrene é a força que desvaira os desprotegidos em rumo dos antros do crime ou impele — nós ao nível reles da degradação sintomatica.

Uma alma embriagada é um atentado à estrutura religiosa, enquanto uma psiquê intoxicada pelo álcool é mera conflagração da resistência finita da matéria, sob efeitos de sua própria polimorfia e propriedades.

A sociedade decalcada nos moldes atuais é sem duvida um algoz ferrenho.

As regiões equatoriais, de uma variedade infinita de perspectivas barbaras e de uma abundância rara de luz vivace, tem sido constatadas pelos analistas como as de mais veementemente poder exortativo à psiquê adormecida dos grandes gênios da Arte.

Ao colorista da palavra, da tela e da pauta, tem sabido melhor a ardentia tropical do que a cerração cimerea, as ondas grizeas dos horizontes fechados das zonas articas.

Um artista de raça que reproduza, panteista, a Natureza, fará muito menos na desolação agreste da baía de Hudson do que na costa alviçareira do Mediterraneo, como o fucejino experimentará sempre menos emoções ante as águas do estreito de Magalhães do que o brasileiro à cadencia dos eros que beijam a baía de Guanabara e à vista dos cerros despontados da Serra do Mar...

Não é, como se supõe ainda, um dom do individuo a bossa artistica; antes, o trabalho sinérgico do mundo exterior sobre o mundo psíquico, na solidariedade perfeita, intransgredível, das gerações.

Em síntese, a intuição artistica é racial, a aptidão maior ou menor é que se revela individual.

Tudo o que pode escampar o entendimento, aos sopros do raciocínio, tem merecido, mesmo entre os povos menos acalcanhados, a recriminação do dogmatismo teocrata.

A curia evangelica romana é a fonte de todos os males latinos, de sua inferioridade sobre os anglo — saxonios.

Os fortes mal conteem o prurido de adquirir, de qualquer modo, algum pasto mais para sua insaciabilidade.

De tempos em tempos, ao envez de um monstro de aço tragar ou aniquilar um outro, ele próprio é quem, à feição do pelicano da lenda se dilacera.

E principio de política eficaz que, quem carece de aptidão para dirigir-se, deve ser dirigido.

Tudo resulta da luta: e as nações como grupo de greis, estas de individuos, o individuo como animal vivo, evidenciam o embate contra a dissociação coletiva ou a desagregação material contra a morte.

Porque a Vida em si é a conquista soberba da adversaria!

Provaremos à sociedade, desta arte, a nitida compreensão da verdade aforistica — *no banquete da futura partilha territorial do planeta, os povos e raças que não jantarem, serão jantados!*

... um fremito de regeneração comunicativa varre o universo inteiro e contra — põe-se à apatia, à modorra das gentes subvertidas ao mando de zagaes sem mérito, fartos de embolia e fatuidade.

O yankee marca uma unidade racial e uma organização de espírito inconfundíveis: é o atlante que traz o industrialismo mecanico republicano modelar.

E preciso dar lema e labaro aos partidos, desenvolver o culto da equanimidade e da virtude na consciência de cada agremiado.

Ajam oposicionistas e situacionistas, não por que norteiam cada fação; ajam eleitores, que independem de sexo, de idade e de berço e cuja prerrogativa seja função da radicação à certa zona, por interesses reais, e do conhecimento que tenha da formação histórico — política e da psicologia social, para o descortino criterioso do futuro, por comparação do passado com a cinematografia do presente; ajam eleitos, verdadeiros embaixadores da maioria da coletividade sufragante.

O parlamento não é o concilio das fações divergentes, antes o congresso dos dalegedos da mor parte.

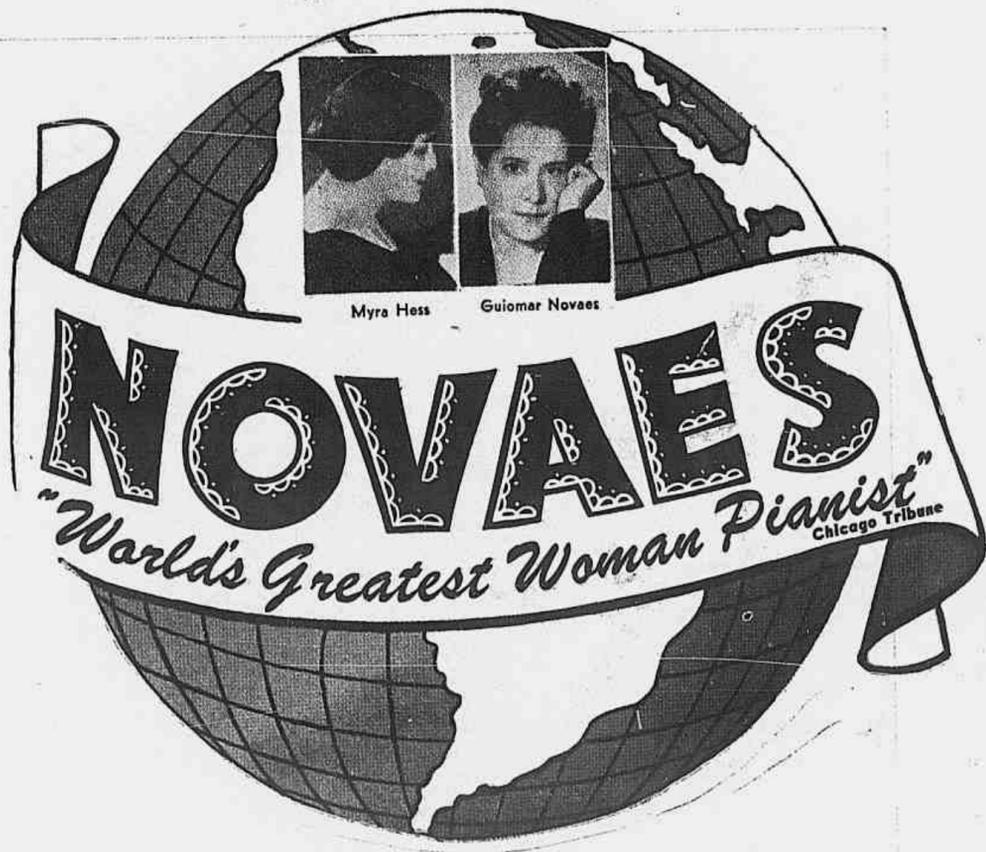
O principio axiomático da confederação está na fraternidade igualitaria das gentes e na abolição integral dos privilégios especiais.

O homem passou a valer, nunca pelo bonifratismo pleno de engrimações, ademanes de cortezãos etiquetas dos paçosos fastosos; antes pelo alcance do que lhe secretam as células encefalicas, pela grandeza da benemerente atividade dos centros motores, pelo trabalho produtivo de suas circunvoluções prefrentaes.



Na cozinha do Restaurante Brasil, em Nova York, Guiomar Novaes recebe das mãos do cosinheiro o mais desejado prato do dia — feijoada à brasileira. (Fevereiro de 1947).

GUIOMAR NOVAES, "maior pianista do mundo"



Após uma vitoriosa "tournee" pelos Estados Unidos, regressa ao nosso país a grande pianista patricia Guiomar Novaes, que ali realizou quarenta e cinco concertos, nos quais mais uma vez evidenciou as suas excepcionais qualidades de artista.

Regressa Guiomar Novaes ao Brasil trazendo mais um titulo de glória, qual seja o de "maior pianista do mundo" conquistado a 22 de novembro do ano que findou, em memorável competição pública no Town Hall, onde enfrentou outra figura de alta ca-



Guiomar Novaes

tegoria da música universal, a pianista Myra Hess, na disputa daquele titulo máximo.

Myra Hess foi aluna do professor Tobias Matthay, do Real Colégio de Música, e em 1936 recebeu o titulo de "maior interprete de Bach", tendo sido agraciada com a "Dame Commander of British Empire".

As duas notáveis competidoras apresentaram-se perante um público selecionado e interpretaram o melhor de seus repertorios. O vereditum dos criticos conferindo à nossa patricia o titulo máximo da arte pianistica mundial, foi aplaudido pela sua genial competidora, que reconheceu, assim, a vitória da grande interprete.

Guiomar Novaes muito tem feito em prol da arte musical brasileira, como sua autêntica embaixatriz na América do Norte, e embaixatriz de mérito invulgar.

Agora, quando se verifica o seu retorno à pátria, trazendo a laurea de maior pianista do mundo, justo será que lhe tributemos as honras que merece, e que, pelo menos em caráter oficial, ainda está por receber.



Este grupo, presidido pelo academico Adelmar Tavares, é interrompido pelo nosso fotografo.

No solar do casal CHRISTOVAM DE CAMARGO



Um grupinho encantador



A Senhora Eugenia Torres de Camargo entre jovens convivas.



Conversa-se mais do que se come.



O ministro Daniel de Carvalho com os noivos e com o escritor Christovam de Camargo.

No seu solar das Larangeiras, o casal Dr Christovam de Camargo recebeu, no dia 4 do corrente, os amigos mais íntimos, festejando o compromisso matrimonial de sua gentil filha Sonia com o Sr. Fernando Marcos Cavalcanti. Apesar do caráter quase reservado da recepção, na residência do distinto casal compareceu grande número de figuras da nossa sociedade, do jornalismo e das letras, dando excepcional brilho à reunião, cujos flagrantes, colhidos pela nossa objetiva, aqui reproduzimos.



De pé, a senhora Christovam de Camargo, o escritor Meira Penna e a senhora Renata de Camargo. Sentadas, Margarida Lopes de Almeida e Senhora Oswaldo de Souza e Silva.



Um gracioso grupo presidido pelos noivos Sonia Camargo e Fernando Marcos Cavalcanti.

Num recanto da sua biblioteca, Christovam de Camargo conversa com o Professor Pedro Calmon e com os jornalistas Oswaldo de Souza e Silva e Jarbas de Carvalho.



Grupos amistosos; discutem ou... conversam.



A Senhora Daniel de Carvalho palestra com o engenheiro Serzedelo Mendes.

ILUSTRAÇÃO INTERIÓRIA

O MUNDO SE VOLTA PARA SHAKESPEARE

A obra de William Shakespeare vem despertando em nossos dias interesse excepcional. É verdade que a personalidade desse gênio e o que produziu mantiveram aguçada a curiosidade dos homens. Agora, porém, essa curiosidade é intensa. A humanidade talvez se esforce por encontrar-se a si mesma, depois das tremendas calamidades que sofreu, na confusão em que se debate. Na obra do gênio inglês vê refletida a sua alma. Observando-a, encontrará as causas das suas desditas e poderá corrigir-se. Por isso a obra de Shakespeare é cada vez mais viva e palpitante. Daí os estudos que se vem fazendo em torno da personalidade do escritor, para reabilitá-lo como homem altamente educado que, em assuntos intelectuais, merece figurar entre os mais eminentes.

Em livro recentemente publicado — “Os Dramas Históricos de Shakespeare” — o Dr. Eustace Mandeville Wetenhall Tillyard, baseando-se nos trabalhos pioneiros de J. S. Smart e John Dover Wilson e em documentação cuidadosamente selecionada, destrói a lenda, corrente há séculos, que apresenta o autor de “Ricardo II” como um rapaz iletrado do interior, obrigado a fugir para Londres e guardar cavalos nas portas dos teatros para ganhar a vida, por ter sido apanhado a roubar caça em terreno alheio. Anula também as afirmativas dos que disseminaram a notícia de que Shakespeare era mero pseudônimo, atribuindo seus trabalhos a Francis Bacon, Lord Rutland, William Stanley, o sexto conde de Derby e Edward de Vere, o décimo sétimo conde de Oxford. Entre estes estão escritores notáveis como Abel Lefranc, Leslie Hotson, Celestin Demblon, Mathias Morhardt.

O principal objetivo do Dr. Tillyard é provar que Shakespeare foi o autor das três partes do drama “Henrique VI” e que elas se destinavam a fazer parte de uma grande obra épica sobre a história da Inglaterra, culminando no triunfo de Henrique VI ao findar Ricardo III. Fazendo amplo uso do material que estudiosos como Peter Alexander vêm acumulando persistentemente em nosso tempo, e incluindo muitas observações sutis dele próprio, o dr. Tillyard estabelece poderoso arrazoado contra os

“desintegradores”, esses comentadores de vistas curtas que vivem obsecados com a teoria da autoria múltipla de cada drama do período elizabetano e que só podem reconhecer a mão de Shakespeare em seus dramas primitivos, em algumas passagens onde mais se faz sentir a nota de seu estilo mais amadurecido. A conclusão a que chegou o Dr. Tillyard melhor pôde ser enunciada com suas próprias palavras: “Achamos, não o aprendiz brilhante e remexedor da matéria de outros, mas um poeta original, educado, senhor de si mesmo; já dedicado à poesia; um homem que passa pelos estados comuns a qualquer grande artista, igual a Dante e Milton, não somente por suas realizações mais amadurecidas, mas forma em que começou a obra de sua vida”. Em “Retrato do Mundo Elizabetano” Tillyard mostrou quanto fortemente as idéias medievais da Ordem Cósmica e da Cadeia do Ser — na qual o homem ocuparia lugar central, ligado por afinidades mais complexas aos seres celestiais acima dele e aos animais e vegetais abaixo dele — persistiam no panorama intelectual dos elizabetanos. Agora evidencia como essas mesmas idéias permeiam toda a grande obra épica dos sete dramas; em particular como a necessidade e beleza da ordem é continuamente pisada em meio às desordens civis que constituem a maior parte do tema.

Os que procuram manter os mitos que envolvem o nome de Shakespeare não convencem. Edmond Jaloux apresenta um argumento decisivo: “... a obra do homem chamado Shakespeare parou com a sua morte. Se alguém dele se servia para se mascarar, teria podido continuar”. Mas, perguntamos nós: — Teria havido no mundo criada tão modesta, que se recusasse a ligar seu nome verdadeiro a uma obra do vulto da Shakespeariana? Não acreditamos. Shakespeare disse verdades eternas. Suas teses são sempre novas e essenciais. Seus símbolos permanentes lições a indicar aos homens o céu ou o inferno em que, na terra, poderão viver. Por tudo isso a humanidade anula o tempo que a separa do gênio inglês e faz questão de estar sempre em contacto, através de sua obra, com o seu espírito.

ALFRED DE VIGNY

A França comemorou solenemente o 150.º aniversário do nascimento de Alfred de Vigny. A vida e a poesia desse homem, que foi um dos maiores poetas do século em que viveu, são permanentemente fonte de estudo. Pierre Descaves chama a atenção do público para o “Diário de um poeta”, de Vigny, livro que a seu ver explicará muitos dos segredos de sua obra e dos dramas da sua vida. Cumpre acentuar que a vida e o drama de

Vigny são menos conhecidos do que se pensa. Jules Sandeau chegou a afirmar: “Ninguém viveu em sua intimidade”.

OSVALDO ORICO, MEMBRO DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA

EM sessão realizada, sob a presidência de Don Ramón Menéndez Pidal, decidiu a Real Academia Española de la Lengua incorporar ao seu quadro social, como Membro Correspondente, o insigne polígrafo e escritor brasileiro Osvaldo Orico.

A proposta nesse sentido foi assinada e apresentada ao plenário pelos ilustres académicos, Prof. Gregorio Marañón, Duque de Maura e Wenceslau Fernandez Flores, tendo sido aprovada unanimemente.

A partir da morte do antigo Embaixador e primoroso poeta Luís Guimarães Filho, que chefiou a representação diplomática do Brasil na Espanha, só um escritor de língua portuguesa figurava no rol dos Membros Correspondentes da centenária corporação: o eminente poeta dramaturgo e historiador Julio

foi Dantas, atual presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Com a eleição de Osvaldo Orico, restabelece a Real Academia Española de la Lengua no seu círculo a presença de um escritor da língua portuguesa falada no Brasil, renovando um legado que pertenceu a um rei-poeta, o Imperador Pedro II, cognominado o Rei Filósofo, pela vastidão da sua cultura política.

Depois de um soberano e de um Embaixador de alta linhagem, é Osvaldo Orico a terceira fi-

gura intelectual do Brasil que recebe esse título de membro da Real Academia Espanhola. No seu caso, porém, não é só ao grande estilista da língua portuguesa que a Real Academia Espanhola concede as suas laureas: é também ao escritor bilingue, autor de mais de vinte obras escritas em castelhano, entre as quais, por sua ressonância universal, se destacam "Hombres de America", "Los adalides del Nuevo Mundo", "Tierra en flor", "Sus mejores cuentos" (com prologo de Marañón) "Ruta sentimental de Rio de Janeiro" e "Camoes y Cervantes", da qual a Comp.^a Editora Nacional de Madrid lançará dentro de poucos dias uma grande edição.

DOAÇÃO

PELA viuva Leonardo Truda, residente no Rio de Janeiro, foi doada à Associação Ricgrandense de Imprensa a magnífica biblioteca de seu extinto esposo, o jornalista e banqueiro Francisco Leonard Truda, que foi fundador e diretor do "Diario de Notícias", de Porto Alegre, e, mais tarde, diretor-presidente do Banco do Brasil.

A MASCARADA DE PASCAL

A coleção da marquiza de Eguille foi levada a leilão em Paris, no Hotel Dronet. Entre os trofeus literarios apre-goados figurava a mascara mortuaria de Pascal, que foi arremata por 400 francos apenas. A marquesa a comprara por 450 francos. A pessoa que a adquiriu vai doá-la à Biblioteca Nacional. "Doação de valor que custou quase nada", comentou um órgão da imprensa francesa. O fato está sendo estranhado, porque essas coisas em geral atingem preços fabulosos; 400 francos é o preço de dois maços de cigarros americanos no mercado negro de Paris.

A NOVA SEDE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

FOI noticiado que a Academia Paulista de Letras mandará construir brevemente majestoso edificio de 17 pavimentos, em estilo néo-classico, para sua sede social. O edificio, que ficará situado no Largo do Arouche, na capital do Estado, custará a importancia de 16 milhões e 500 mil cruzeiros.

A LEGIÃO DE HONRA

CORREU a noticia — com ampla repercussão nos jornais —, em Paris, de que Sartre havia recusado a cruz da

Legião de Honra, seguindo o exemplo famoso de Montélen, que a repeliu dez vezes, para, finalmente, recebê-la encantado da vida.

— Não é exato — esclareceu a proposito o pai do existencialismo. E acrescentou: a meu ver, um escritor tem responsabilidades muito sérias para vir a acarretar quaisquer outras. Certo jornal aproveitou a oportunidade para dar o balanço dos efetivos da Legião de Honra, cujas insignias, com exceção dos estrangeiros, sobem a 16 grandes-cruzes, 187 de grandes oficiais, 1719 de comendadores, 13.397 de oficiais e 51.319 de cavalheiros.

LIBERDADE DE IMPRENSA

O Conselho Economico e Social da O.N.U. decidiu, por aclamação, recomendar que a Conferencia Mundial de Liberdade de Informação e de Imprensa seja realizada em Genebra, a partir de 23 de Março proximo. Esta decisão terá ainda de ser aprovada pela Assembleia Geral da O.N.U.

OS "AMADORES"

Sr. Jorge M. Azevedo, respondendo a um artigo do Sr. Afonso Schmidt, publicado em uma revista gaucha, escreveu: "Ora, o Sr. Afonso Schmidt critica severamente os escritores-amadores — chamados por ele de biscateiros — mas francamente não vejo motivo ou razão para tão rígida apreciação, mesmo porque, se tais escritores fazem da literatura um biscate, é porque têm justamente a maior parte do tempo dedicada ao trabalho de escritório, oficina ou lavoura, pois na minha opinião se um escritor amador consegue um furo — haja vista Ruth Guimarães — aí então é, que se invertem os papeis, fazendo da literatura profissão e do trabalho simples biscate... Pelo visto o Sr. Jorge M. Azevedo é amador..."

INJUSTAMENTE DESCONHECIDO

O escritor Louis Parrot, crítico literario de "Les Letres Françaises", de Paris, registrando o aparecimento da "Introducción à la poésie ibero-americaine", reporta-se ao livro anteriormente publicado por A. D. Tavares Bastos ("L'Ecole des disparus"), comparando a prosa do poeta brasileiro com a de Valéry. Referindo-se, mais adiante, aos autores traduzidos e apresentados por Tavares Bastos na antologia acima indicada, Louis Par-

rot reconhece que se trata de nomes até agora injustamente desconhecidos na França.

CULTO A VERLAINE

A Sociedade dos Amigos de Paris, estava inativa havia quase dez anos. Agora, despertando, essa instituição reatou suas antigas e piedosas tradições. O primeiro ato foi uma romaria ao busto do poeta, no Luxemburgo, onde pronunciou comovente discurso o presidente da sociedade, Fernand Greggh. Houve também sessão de declamação a cargo de poetas e artistas fieis à memoria do grande morto.

RECURSO COMERCIAL

OUTRO francês que partiu para a America do Norte foi Maurice Dekobra. Afim de não perder a cidadania norte-americana, adquirida durante a guerra, ele precisa passar no minimo 20 dias por ano nos Estados Unidos. "Justamente o tempo que se leva para montar uma opereta" escreveu "L'Intransigeant". Antes de sua partida, Dekobra se apresentou no Louvre (o "magasin", não o museu), ficando à disposição dos fregueses que desejassem adquirir obras autografadas. O acontecimento foi comunicado para todos os andares da granpor intermédio de auto falantes de loja, o que concorreu para que fossem vendidos naquela tarde mais de 500 exemplares.

A VOLTA DE MAETERLINCK

MAURICE Maeterlinck passou os anos da guerra nos Estados Unidos, como W. Somerset Maugham, André Maurois, Julian Green e diversos outros escritores europeus. O autor de "Passaro Azul" regressou a sua antiga residencia, em Nice, às vespuras de completar 85 anos. Os jornais de Paris informam que ele levou 12 peças na sua bagagem em condições de serem representadas. Houve quem comentasse que, às vezes, a vida começa aos 80.

DE POETA PARA POETA

DE uma carta endereçada por Manuel Bandeira a Mario Quintana, a proposito do aparecimento das "Canções": "Seus quintanares me suberam deliciosamente. Sua emoção é ironica, arisca, como "estrelinha brincando no charco", como cricrilo de grilo quando começa a anoitecer!"

PEQUENAS NOTICIAS

● Viajou para a Europa a escritora paulista Sra. Leandro Dupré. A conhecida autora, esclarecendo aos jornalistas as razões de sua viagem, informou que permanecerá dois meses no Velho Continente, afim de assistir do lançamento do seu livro "Eramos Seis" na França e na Suécia.

● Ao que informa Georges Altman, no "Franc Tireux", de Paris, o teatro de J. P. Sartre foi lançado na Tchecoslováquia, "para atender à curiosidade de um público sensível aos problemas do homem e da liberdade.

● Vai adiantada a filmagem de "Les jeux sont fait". Contrariamente ao que se esperava, não se trata de um argumento existencialista. Trata-se, pura e simplesmente, de uma velha historia de amor, marcada pelos eternos temas da morte e do destino. Jean Delaunoy é o diretor. Marcel Pagliero, ator italiano, é o principal interprete masculino.

● Voltou da Polonia para Paris o escritor brasileiro Anibal Machado que vai percorrer a Italia. Sua permanencia na França tem sido proveitosa para o nosso intercambio cultural.

● Faleceu nesta capital, vítima de desastre de automovel, o poeta Harold Daltro, figura muito estimada nos nossos circuitos literarios.

LIVROS PUBLICADOS

TIVERAM merecido êxito por ocasião de sua publicação os seguintes livros: "Estrela da Terra", de J. G. de Araujo Jorge, "Engenharia Sanitaria", de Antonio de Siqueira; "As Cabeças Trocadas", de Thomas Mann; nova edição de "A importancia de viver", de Lin Yutang; "Poesias", de Raul Bopp; "A Outra Comédia", de W. Somerset Maugham; "A Sereia", contos de Guy de Maupassant; "Eu sou a sua mulher", de Carlisle; "Mario", de Silva Gaii; "Ensaio historico sobre a "Dama das Camélias", de Carlos Ferreira; "O jogador" de Dostoiowski; "Quando o sol raiar", de Mary Lire; "Emigrantes", Ferreira de Castro; "Um drama no fundo do mar"; de Cortambert; Tomas Gondeieff, de Maximo Gorki; "Refugio", de Cesar Porto; "O Patrio e a Cortesã", de Eduardo Corrêa e "Paisagens da Vida" de Cristovam Breiner.

Enlaces



Reubrand
Rio

Senhorinha Cely A Teixeira,
filha do casal Herminio Tei-
xeira, com o Sr. Icaro Vital
Brasil.



Reubrand
Rio

Senhorinha Olga Lopes de
Faria, filha do casal Orlando
Lopes de Faria, com o Tenente
Helio Carlos Capanema Garcia.

PÁGINAS ANTIGAS

a formiga "SACA-SAIÁ"

RAYMUNDO DE MORAES

A hylea prodigiosa de Humboldt, extraordinária e imprevista, é povoada, sobretudo nas faixas meridionais da planície (do Amazonas), no relêvo das mesopotâmias interferidas nos cursos, que rolam dos chapadões de Mato Grosso, por uma formiga diabólica, justamente receada: a **saca-saia**.

Preta, doida, vivendo aos bandos, levanta, para as suas saídas da terra onde habita, uma espécie de menhir de barro vermelho, de três a quatro pés de alto, que acaba em forma de cone pela ação das chuvas e dos ventos.

Em certas esplanadas abertas pela mão do homem vêem-se pequenos montículos de argila, como pequenos baluartes quebrando o verde que tapeta o solo. Em épocas especiais do ano, geralmente na internada, muda-se, emigra, muitas vezes acossada pela água.

E' o pavor do tapuio, do seringueiro, e até do selvagem.

Marcha aos milhões, lembrando um exército em fuga, desorientado, perdido, volvendo à direita, à esquerda, cortando estradas, enviezando-as, enfiando-as.

Ao se aproximar das habitações ouve-se, quebrando o silêncio augusto da mata, o seu ruído nas folhas, nos gravetos, nos sacais, nos seixos e nas pedras.

Os bichos logo se alarmam. As antas e as onças, os veados e as cobras, as pacas e as cotias correm espantados. Os jabotis encolhem-se nos cascos. As aves revoam, buscando os pontos inacessíveis. A fauna toda, assustada dominada por aquele terror pânico do leão de Pompéia, à proporção que o chiado crespo, arrastado, dantesco cresce e ressa, dispara alucinada e espavorida.

As baratas, os ratos, os gatos, os cães, os morcegos, ainda mesmo dos moradores, desertam das palhoças; as mães conduzem os filhos; a debandada é rápida e completa.

Se, por qualquer circunstâncias, a **saca-saia** não se deixa pressentir dentro de casa e assalta de surpresa a moradia, a medida defensiva resume-se na imobilidade. As mulheres tiram a saia, donde vem o nome à formiga, e nuas, impassíveis, esperam que a onda viva

lhes passe sobre os corpos. Qualquer movimento resulta em mil dentadas. E o multifário animal sobe aos esteios, aos móveis às paredes, à cumieira, cobre a vivenda, devasta, devora os alimentos e vai-se, desaparece no interior da selva, desorientado e sinistro.

Todavia, sob o aspecto econômico, inseto como a saúva atrasa o homem na Amazônia. E' ela que não consente medrar as roças; é ela que não deixa vingar as hortas; é ela que transforma as zonas cultivadas em verdadeiros desertos; é ela, em suma, que se deve combater, caçando-a asfixiando-a, eliminando-a na santa e herculea cruzada do extermínio. A profecia de Saint-Hilaire, no fundo remoto de tantos anos, ressurgiu na turva realidade do momento.

Palavras fatídicas, devem ressoar, gravadas a fogo nas páginas da nossa história, devem ressoar aos ouvidos da mocidade, como um toque de sentido: "Ou o brasileiro dá cabo da formiga ou a formiga dá cabo do brasileiro".

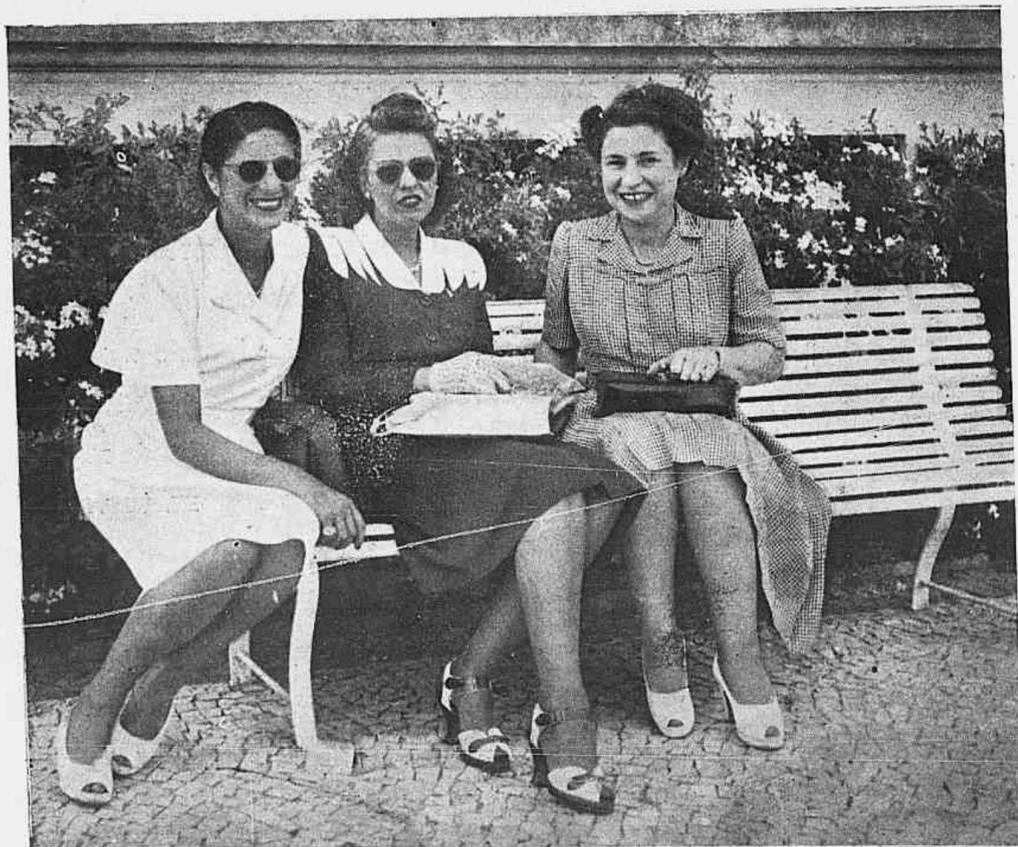
Revelação artística



Retrato da Senhora Faustino Nascimento — óleo do pintor Wim Van Dijk



"O Vaso azul", óleo de Evany de Albuquerque Maul



De uma das últimas corridas realizadas no Jockey Clube Brasileiro é o flagrante que aqui reproduzimos.

Evany de Albuquerque Maul é uma pintora que se revela com fortes qualidades, principalmente na paisagem e na natureza morta. Apenas com dezesseis anos, ela se apresenta com trabalhos de excelente acabamento, pincelada larga e vigorosa, sem as ezitações naturais aos que se iniciam nas artes plasticas. Sobriedade de colorido, segurança de técnica, muita sensibilidade na interpretação dos assuntos, eis algumas das características da sua personalidade, manifestadas em varios de seus quadros. Um deles, que reproduzimos nesta pagina, acha-se exposto na galeria da Associação dos Artistas Brasileiros e aí tem sido muito admirado. É uma composição em que a justeza da tonalidade se equilibra com o desenho perfeito. Um vaso azul, com o jogo de luz e sombra bem lançado, ostenta uma rosa amarela que se harmoniza com a cor de uma chavena colocada no primeiro plano. Nota-se nessas peças o brilho e a transparencia dos motivos. Disciplina de Manuel Madruga, a jovem pintora patricia mostra que tem sabido aproveitar magnificamente as lições do grande mestre brasileiro.



Economia e Finanças

O CAFÉ BRASILEIRO NO PLANO SALTE

O sr. Richard Lewinsohn, assessor técnico do Departamento Administrativo do Serviço Público, apresentou o seu relatório sobre o Plano salte, de que publicamos o seguinte resumo, referente ao café:

“As observações feitas sobre a situação do café brasileiro nos últimos 50 anos já nos permitem conclusões sobre as causas determinantes da maior parte dos vários fenômenos ocorridos e, conseqüentemente, nos habilitam a apresentação de um programa contendo as medidas a serem adotadas para que esse esteio básico da economia nacional readquirira as posições perdidas, e a cultura cafeeira, de aventura agrícola que tem sido, se converta em atividade perene, a salvo do esgotamento progressivo das terras próprias e da decorrente diminuição da produção com perda do mercado em proveito dos países concorrentes. O predomínio das classes comerciais e especuladoras sobre as produtoras, que caracterizou as duas primeiras décadas do século, só logrou ser detido com a advento da política de regulamentação do escoamento das safras, iniciada pela criação do Instituto do Café do Estado de São Paulo.

Esta política, entretanto, ante a pressão das classes interessadas na manutenção de preços altos, veio a transformar-se de reguladora em retentora, determinando criação do recurso a empréstimos onerosos, à criação de pesadas tributações sobre o produto e, afinal, à queima, que consumiu para mais de 70 milhões de sacas. Daí a situação extrema a que chegamos em 1930-32, época em que os preços caíram a níveis inferiores ao custo e produção, determinando o desânimo do produtor e o êxodo rural.

Paralelamente observou-se o desprimoramento crescente de nossas qualidades levado-nos à perda ednossa colocação nos mercados de consumo, com proveito acentuado dos nossos concorrentes da América Central, cuja indústria havíamos acoroçado com a nossa política de altos preços.

A isso procurou o govêrno federal atender, com a criação de órgãos de assistência técnica do Departamento Nacional do Café, e depois pelo Serviço Técnico do Café do Ministério da Agricultura, que chegaram a apresentar resultados considerados notáveis dentro do período relativamente curto de suas atividades. Faltou, porém, continuidade a essa política de assistência e hoje em dia ela se resume a uma existência simbólica, representada como é pela manutenção de pequenas secções especializadas, desprovidas de meios para qualquer trabalho eficiente.

Também as providências reguladoras do

escoamento de produção, até aqui a cargo do Departamento Nacional do Café, estão na eminência de serem detidas em virtude da extinção desse órgão, ao bom fundamento de que já atingimos o equilíbrio estatístico.

Urge considerarmos, entretanto, que atingidos ou não esse equilíbrio, aos altos preços que o produto vem alcançando em seu inevitável acoroçamento à intensificação da cultura, bem cedo nos levarão a uma nova fase de super-produção, que temos de prever e prover, evitando sermos novamente levados às medidas drásticas de passado recente.

Ao mesmo passo, não podemos deixar de considerar o problema da assistência técnica ao produtor, não somente no rumo da melhoria das qualidades, com o proposito de dotar o sensível avançamento do concorrente alienígena, como na parte relativa à restauração das chamadas zonas velhas, medidas que se transpõe com urgência, dado que a cultura cafeeira já atingiu o máximo de expansão permitido pelas suas exigências ecológicas, não sendo conveniente do ponto de vista social-econômico, o seu deslocamento para outras zonas.

Devemos considerar ainda que pela cláusula primeira do último convenio cafeeiro realizado em 1945, ficou reconhecida a necessidade de prosseguimento da política econômica do café, baseada no principio fundamental do equilíbrio estatístico entre a produção e o consumo.

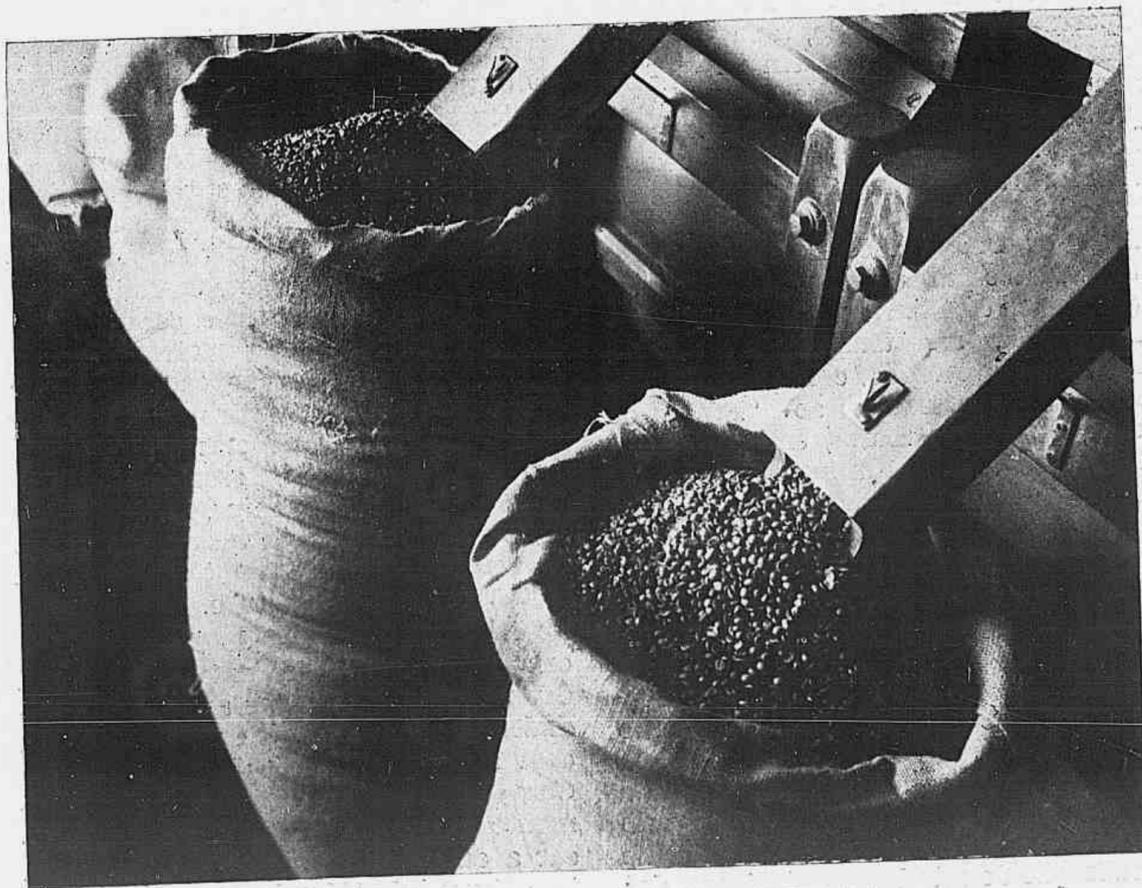
Não há como fugirmos à consideração das medidas de amparo financeiro ao produtor, proporcionando-lhe crédito fácil e barato, adaptável às diversas fases da atividade agrícola, desde o amparo das terras ao plantio, à colheita ao benefício e a entrega ao consumo, medidas essas que melhor serão apresentadas na parte especial do presente trabalho dedicado ao crédito agrícola. Finalmente, considerando que o D. N. C., em liquidação, autarquia criada para amparar a sua economia e por ela exclusivamente custeada, pode realizar apreciáveis saldos em dinheiro que deverão constituir o “Fundo do Café” do Banco Rural, o que permitirá amparar a lavoura cafeeira sem qualquer sacrificio para o erário.

As medidas a serem adotadas serão as seguintes:

a) — Extinção da Divisão de Economia Cafeeira, criada no Ministério da Fazenda, pelo decreto-lei n.º 9.784, de 6 de Setembro de 1946, visto tratar-se de órgão que não chegou a ter, até a presente data, qualquer ação executiva e cujas atribuições inexpressivas fixadas pelo mencionado diploma não atendam a situação cafeeira do país;

b) — Criação do Instituto Nacional de Café, órgão permanente, com personalidade própria, de natureza paraestatal, dotado de autonomia administrativa e financeira, a ser custeado com os recursos seguintes: quota do govêrno federal, que inicialmente fornecerá os recursos necessários para instalação e manuten-

Ensacamento de café para o exportação



EXTRAORDINARIOS

OS SERVIÇOS PRESTADOS À ECONOMIA BRASILEIRA PELA SUL AMÉRICA TERRESTRES

Vêm de ser publicados o Balanço e o Relatório das atividades da Companhia Sul-América Terrestres, Marítimos e Acidentes, no exercício de 1947. Os fatos e cifras nêles consignados são auspiciosos, não apenas para a tradicional instituição brasileira, senão também para os quadros econômicos e sociais de nosso país. Da atenta leitura daquelas peças, conclue-se que o exercício de 1947 foi, a despeito da crise, um ano de brilhantes realizações para a SATMA.

De fato, aquela companhia assinalou sua maior receita em 34 anos de vida, sobressaindo-se entre suas congêneres brasileiras e ibero-americanas. Por outro lado, foi ultimada a reforma de seus serviços administrativos, inaugurando-se as modernas instalações das Sucursais da Baía e Belo Horizonte. Foi transformada a Agência de São Luiz em Sucursal, com jurisdição sobre os Estados do Maranhão e Piauí. Prosseguiu-se com vigor, na construção de um edifício de dez pavimentos à rua do Ouvidor, onde funcionará, no ano próximo, a Sucursal do Rio, em sede própria e distinta da Matriz.

Tão intensa atividade de produção, expansão, e melhoria de seus serviços técnicos estendeu-se por igual ao funcionalismo cujas condições de vida e de trabalho mereceram dedicada atenção de sua Diretoria. Além das medidas diretamente relacionadas com o aumento do conforto e da produtividade, cumpre

assinalar as aplicadas com o fim de minorar as dificuldades materiais agravadas pelo encarecimento da vida, em geral. Neste sentido, a Sul-América Terrestres dispendeu, em 1947, soma aproximada a 30 milhões de cruzeiros, isto é, cerca de 20% da Receita Geral da Companhia. Tão expressivas cifras foram aplicadas em salários, gratificações e participações nos lucros, refeições, licenças-prêmio, férias especiais, amparo familiar, seguro hospitalar, e outras despesas de caráter social, num acréscimo de mais de cinco milhões de cruzeiros, sobre o exercício anterior.

Tal acervo de realizações de empreendimentos votados à defesa e resguardo, pelo seguro, do patrimônio econômico de milhares de empresas no país reflete, sem dúvida, a segura orientação da SATMA, cuja Diretoria, em estreita cooperação com um corpo de funcionários dos mais capazes e dedicados, pôde apresentar ao público brasileiro índices dos mais significativos de prosperidade, num ano pleno de incertezas e dificuldades.

Todos os "records" de produção foram vencidos, não apenas no Brasil, mas no continente ibero-americano. A receita de prêmios atingiu, pela primeira vez na história do seguro brasileiro, os ramos elementares e acidentes do trabalho, para uma só instituição, a cifra de cento e setenta e três milhões e quatrocentos mil cruzeiros, assinalando um acréscimo de 30 milhões sobre o ano anterior. Des-

ta Receita, 70 milhões cobriram os riscos de acidentes de trabalho; 38 milhões, os de automóveis; 16 milhões, os de transportes; 14 milhões, os de acidentes pessoais, para apenas citar os mais importantes.

Tão vultosas operações, enquanto se lastreiam na tradição moral de 34 anos de atividade honesta, de rigorosa pontualidade e exato cumprimento dos contratos, de eficiência técnica dos serviços prestados, ampara-se de outro lado no conjunto de reservas que premeiam os segurados contra quaisquer vicissitudes. Tais reservas ascenderam, no exercício de 1947, a cerca de 85 milhões de cruzeiros dos quais, 62 milhões e 800 mil para as reservas técnicas. Tais cifras bastam para dar uma cabal idéia da solidez da maior instituição brasileira de seguros dos ramos elementares.

Reconhecendo os extraordinários serviços prestados pela Sul-América Terrestres à economia brasileira, é com viva satisfação que o público receberá a notícia dos índices de seu extraordinário progresso, em 1947, os quais servirão para revigorar ainda mais a confiança em sua atual Diretoria e no corpo de competentes e dedicados funcionários daquela Companhia. Pode, pois, o Brasil orgulhar-se de possuir, nos ramos dos seguros privados, a mais poderosa instituição de seguros de toda a América Latina.

(Transcrito do "Diário Carioca", de 4 de março de 1948).

ção total do órgão durante o seu primeiro ano de trabalho, e nos anos subsequentes uma quota de Cr\$ 20.000.000, com recursos provenientes de parte dos lucros, auferidos com as operações do "Fundo do Café", do Banco Rural, que seriam escriturados em conta especial do Instituto, sob o título "Manutenção de serviços da lavoura cafeeira", e, se for necessário, com recursos advindos de taxa módica que incidirá sobre o café exportado ou negociado, taxa essa cujo "quantum" será fixado em lei, por recomendação do Conselho Consultivo, e que desaparecerá quando julgada desnecessária. A quota do governo federal destinada ao custeio inicial do Instituto em seu primeiro ano de atividade, deverá ser de Cr\$ 50.000.000,00, devendo ainda todo o patrimônio do D. N. C., em liquidação, constante de móveis, semoventes, etc., ser transferido integralmente ao novo órgão, com exclusão dos imóveis que passarão ao "Fundo do Café", do Banco Rural, embora entregues ao Instituto para seu uso.

Ao Instituto ao ser criado em substituição à Divisão de Economia Cafeeira, ficarão afetos todos os assuntos referentes ao café em todas as suas modalidades, cabendo-lhe prestar assistência técnica e estudar todos os assuntos, desde a experimentação, racionalização dos métodos culturais e da colheita, e preparo industrial, até o comércio incluindo a fiscalização do escoamento das safras, a padronização e classificação do produto e fiscalização do seu comércio, bem como a realização de estudos econômicos e dos

mercados de café no cenário mundial e a propaganda do consumo interno e externo.

Este Instituto será assistido por um Conselho Consultivo, composto de lavradores de café dos diversos Estados cafeeiros, obedecendo a representação de cada Estado à proporcionalidade de seus milhões de cafeeiros ou fração, quando teresses, na base de um membro para 200 ultrapassados 50 por cento daquele total.

O Conselho Consultivo será constituído feicultores, que escolherão seus delegados através das associações municipais de classe devidamente legalizadas, e estes em convenção, legerão os membros do Conselho Consultivo, com mandato durante dois anos. O Conselho se reunirá obrigatoriamente cada trimestre salvo quando, por motivo relevantes, houver convocação especial. Cabe ao Conselho Consultivo recomendar ao Instituto providências relativas ao estudo da produção, escoamento das safras, financiamentos, propagando e propor a fixação da taxa que for julgada conveniente à manutenção dos serviços cargo do Instituto.

Ao Instituto Nacional do Café caberá a orientação da política cafeeira nacional devendo portanto todas as demais entidades públicas do país agir de acordo com as recomendações desse órgão. Como os assuntos relativos ao financiamento da produção cafeeira deverão ficar a cargo do Banco Rural, que para isso disporá do "Fundo do Café", torna-

senispensável que aquele estabelecimento de crédito atue de conformidade com os planos de recomendações do Instituto, o que seria assegurado fazendo-se constar dos estatutos do citado Banco que a sua atividade no setor cafeeiro seria sempre feita de acordo com a orientação e recomendação do Banco do Brasil.

A importação total do "Fundo do Café" proveniente da liquidação do D. N. C. será rateada entre os cafeeicultores sob a forma de ações proporcionalmente ao número de cafeeiros em produção, cujos títulos ficarão vinculados à propriedade, acompanhando-a em todas as suas transmissões, providências essa inteiramente indispensável para evitar a sua absorção pelos trustes financeiros nacionais e internacionais. Esta medida é justa porque os sacrifícios impostos à lavoura recairiam justamente sobre os cafeeiros em produção, sendo que eles é que contribuíram para a constituição daquele Fundo; a eles, portanto, é que deverá, preferencialmente, ser concedida assistência financeira destinada à sua restauração e fixação, porque já se dispõe de toda aparelhagem material e social indispensável à sua exploração.

Na parte reservada ao crédito agrícola, será melhor desenvolvida a proposta da organização do Banco Rural do Brasil, prevendo-se então, com mais pormenores, o que concerne às modalidades especiais de assistência creditória à cafeicultura.

Toalhas Artísticas

40 PÁGINAS COM DESENHOS ORIGINALÍSSIMOS, RISCOS NO TAMANHO DE EXECUÇÃO PARA BORDAR TOALHAS ARTÍSTICAS. ALBUM EM GRANDE FORMATO E A QUATRO CORES.

CR\$ 30,00

PRIMEIRA MOSTRA DA INDÚSTRIA PESADA BRASILEIRA

ela primeira vez o Brasil vai expor os produtos de sua mais nova e mais importante indústria: a indústria pesada. Essa mostra nos será proporcionada pela Exposição Internacional de Indústria e Comércio, a inaugurar-se em maio próximo. Para o Brasil esse certamente será particularmente interessante não só porque irá revelar as nossas possibilidades industriais, como também pela oportunidade que nele se oferecerá aos nossos homens de comércio para um contacto maior com homens de negócios de todo o mundo.

Papel relevante está reservado à Companhia Siderúrgica Nacional, de cujos resultados teremos uma convincente demonstração naquela Exposição e na qual a nossa indústria pesada estará condignamente representada com "stands" completos e onde poderemos apreciar os seus primeiros e promissores frutos.

O VULTO DAS EXPORTAÇÕES EM 1947

Segundo os dados que com a atualização estatística, acabam de ser publicados pelo Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, o volume físico das exportações nacionais totalizou, no ano passado 3.781.453 toneladas no valor de... 21.179.400.000 cruzeiros.

Em 1940, os embarques somaram... 3.663.129 toneladas, no montante de 18.229.500.000 cruzeiros. Houve, por-

tanto, em 1947, o aumento no volume tituto Brasileiro Geográfico e Estatística, apresenta a discriminação, por classe, das mercadorias exportadas, de acordo com a qual se verifica que os maiores valores continuam a caber aos gêneros alimentícios, cujas remessas sofreram ligeiro declínio no volume, em relação a 1946, contra considerável acréscimo nos apurados financeiros. Durante o ano passado, o país forneceu aos mercados do exterior menos 74.967 toneladas de gêneros alimentícios do que em 1946; em compensação os valores referentes a essa classe mos-

tram-se aumentado de 2.003.300.000 cruzeiros. Correram substanciais acréscimos na sexportações de açúcar... (21.975 toneladas, em 1946, contra 218.429 toneladas), e carne bovina frigorificada (9.108 contra 18.828 toneladas). Quanto ao cacau em amendoas, fatores negativos que interferiram na produção da Costa do Ouro e que, em parte também nos atingiram, causaram incomum procura do gênero determinando sensível alta nos preços. Tendo decaído de 31.419 toneladas, em 1947, no confronto com as vendas do ano anterior, os nossos embarques de



O FUTURO ME PREOCUPAVA...

"COMO ficaria minha esposa? Como se educariam meus filhos? Quem pagaria o aluguel tão elevado e as contas mensais? Todas essas perguntas me inquietavam quanto ao futuro... caso um imprevisto me levasse desta vida. Hoje, não. Minha apólice da Sul America afastou toda inquietação. Os meus estão garantidos!" São palavras de um chefe de família... E podem ser suas, se resolver também afastar toda preocupação com o futuro, assegurando a tranquilidade do lar, cumprindo seu dever de chefe através de uma apólice de seguro da Sul America, que lhe oferece vários planos vantajosos, um dos quais deve corresponder ao seu problema pessoal.

Um amigo está às suas ordens para o orientar nesse assunto: o Agente da Sul America.

OUÇA, como a voz de um amigo, a palavra do agente da Sul America.



À Sul America

CAIXA POSTAL 971 — RIO DE JANEIRO

Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.

10-VVVV-

Nome.....
Data do Nascimento: dia..... mês..... ano.....
Profissão.....
Casado?..... Tem filhos?.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....



Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
FUNDADA EM 1895

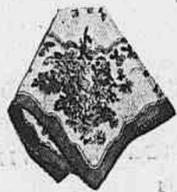
cacau alcançaram o valor de.....
1.047.700.000 cruzeiros contra os
651.100.00 apurados em 1946.

A classe das materias primas teve
acréscido o volume fisico das exporta-
ções em 188.980 toneladas (1.595.804
em 1946, e 1.764.784, em 1947). No
concernente ao valor, o aumento su-
biu a 676.000.000 de cruzeiros
7.583.000.000 contra 8.259.000.000
As maiores contribuições para esse au-
mento resultaram das remessas de cou-
ros vacuns (493.000.000 de cruzeiros e
mais sobre os valores atingidos em
1946). mamona (432,3 milhões a mais)
pinho (134.600.000 a mais), e algo-
dão, inclusive lintens e residuos
(205.300.000 a mais), cabendo o reparo
de que, quanto a estes ultimos produtos
houve sensíveis reduções no volume fi-
sico (330.167 contra 404.992 toneladas)
As manufaturas figuraram com o total
ed 45.477 toneladas e o valor de
1.630.300.000 cruzeiros com aumentos
de 6.093 toneladas e 2.86.400.000 cru-
zeiros, em relação a 1946. Tais resulta-
dos se devem, quase exclusivamente à
reação operada nos embarques de te-
cidos que, havendo sido, em 1946, de ..
14.103 toneladas, no montante de ...
703.000.000 cruzeiros subiram a
16.678 toneladas e 1.252.600.000 em
1947.

A EXPORTAÇÃO DE CAFÉ EM 1947

Em bora com volume fisico inferior ao
atingido em 1946 as exportações bra-
sileiras de café durante o ano passado
alcançaram resultados financeiros sen-
sivelmente superiores aos do período
precedente. Em 1947 os embarques to-
talizaram 14.820.064 sacas no valor
de 7.755.1 milhões de cruzeiros contra
15.504.581 sacas e 6.441.5 milhões, no
ano anterior.
Os dados acima, coligidos, sistematiza-
do e agora entregues à publicidade pelo
Serviço de Estatística Econômica e Fi-
nanceira, do Ministério da Fazenda, ór-
gão integrante do sistema do I. B. G. E.
permitem apreciar já a esta altura mer-
cê do gráu de atualização conseguida
pela estatística geral brasileira, não só-
mente os totais das nossas remessas de
café para o exterior, no curso do triênio
de 1945-47 como a sua distribuição pelos
países de destino.
O decréscimo do volume, em 1947, tem
pronta explicação na queda das acqui-
sições norte-americanas, que somaram
9.745.382 sacas, em 1947, contra
10.745.382 em 1946.
Por continente os embarques assim se
distribuíram, em 1945, 1946 e 1947, res-
pectivamente: África, 10.566, 279.172
e 253.211 sacas; América, 12.607.633,
12.001.718 e 10.854.124 sacas; Europa,
1.554.404, 2.619.212 e 3.569.549 sacas
Ásia, 304.479 sacas em 1946 e 152.070
em 1947 tendo sido nulos os embarques
em 1945. A Oceania não figura no triê-
nio, como importadora do nosso café.
Verifica-se que os mercados importado-
res europeus vão aos poucos, retomando
o ritmo de suas compras no nosso país.
Das vinte e três nações que constam da
pauta de nossas exportações de café
para a Europa, treze figuram com apre-
ciáveis aumentos em 1947, entre as quais
se destacam, pelo vulto das aquisições
a Dinamarca, a Espanha, a França, a
Grã-Bretanha e a União Belgo-Luxem-
burguesa. A Alemanha, a Austria, a
Hungria, a Iugoslávia, a Iha de Malta e
a Polônia, voltam a integrar a relação
dos países importadores do nosso prin-
cipal produto, no Velho Mundo.
Através do triênio, foram os seguintes
os valores médios por saca: 1945, Cr\$
300.62; 1946, Cr\$ 415.46; e, 1947, Cr\$
522.93.

Caspa? Petroleo Soberana



Qualquer que
seja o estilo de ar-
te aplicada... o
trabalho de bor-
dar que a senhora
imagina... encon-
tra em Arte de
Bordar, o mensá-
rio que concorre para o encanto
pessoal da mulher e para o arranjo
do lar! Riscos, desenhos, aplicações,
com as medidas adequadas. Modelos
exclusivos de Arte de Bordar, por
Cr\$ 7,00 à venda nas livrarias e
bancas de jornais. Pedidos também
pelo Reembolso Postal à S. A.
O Malho, Rua Senador Dantas, 15,
5.º andar. Rio.

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

ARTE DE BORDAR

REVISTA MENSAL
RISCOS PARA BORDAR

Página de grande formato e um
grande suplemento solto, apresen-
tando trabalho na medida da
execução.

EM TODOS OS NUMEROS
APRESENTA:

Desenhos para lençóis — Fronhas
Côlchas — Toalhas de mesa e de
chá, guardanapos — panos de
cosinha e motivos para tudo
quanto se refira ao enfeite da
casa.

Lingerie — enxovais para noivas
e bêbês — guarnições para ves-
tidinhos de crianças — figurinos
para meninas e meninos — mo-
tivos em ponto de cruz, os mais
variados — trabalhos em crochê
filé — tricô, etc.

TUDO

quanto possa interessar à casa,
em trabalhos, é apresentado men-
salmente por

ARTE DE BORDAR
a revista mais completa em seu
genero, com a qual as senhoras
que gostam de bordar ocuparão
suas horas de lazer.

PREÇO EM TODA A PARTE

CR\$ 7,00

Pedidos pelo reembolso à S. A.

"O MALHO"

R. SENADOR DANTAS, 15-5.º
RIO DE JANEIRO

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
À VENDA EM TODA A PARTE

LEIAM

O MALHO

DE FEVEREIRO

Riscos para Bordar

ALBUM N.º 4

PARA cama e mesa e vários outros fins, preciosa coleção de riscos e modelos de trabalhos na medida da execução. Estupendo álbum, em grande formato, de quarenta páginas ricas de idéias práticas.

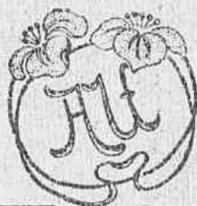
PREÇO: Cr\$ 20,00



Monogramas Artísticos

ALBUM N.º 2

NÃO existe, no gênero, obra que se compare a esta — quer pela variedade, quer pela beleza das letras! Podem fazer-se as mais interessantes combinações de monogramas, graças aos modelos apresentados pelas 44 páginas deste utilíssimo e estupendo álbum! Monogramas em todos os tamanhos.



PREÇO: Cr\$ 15,00

ALBUM N.º 2

Lençóis Artísticos

UMA coleção de 44 páginas selecionadas... e incomparáveis! Por mais exigentes que sejam, as senhoras ficarão entusiasmadas com os primoresos desenhos especiais para lençóis e fronhas.

PREÇO: Cr\$ 20,00

A Lingerie

ALBUM N.º 6

ACOMPANHANDO a delicadeza da plástica feminina, os modelos deste álbum são deliciosamente sutis e modernos.

Desenhos — todos na medida da execução — para camisolas, "Soutiens", combinações, "peignoirs", blusas, aplicações. Indispensável à mulher elegante!

PREÇO: Cr\$ 20,00



Roupinhas do Nenê

ALBUM N.º 4

O recém-nascido merece todos os desvelos! Para o seu enxoval, este álbum, de graciosos desenhos, oferece criações de conforto e bom-gosto. Detalhadas explicações facilitam a execução de todas as peças do bebê. Legítimo repositório de sugestões para todas as mães.

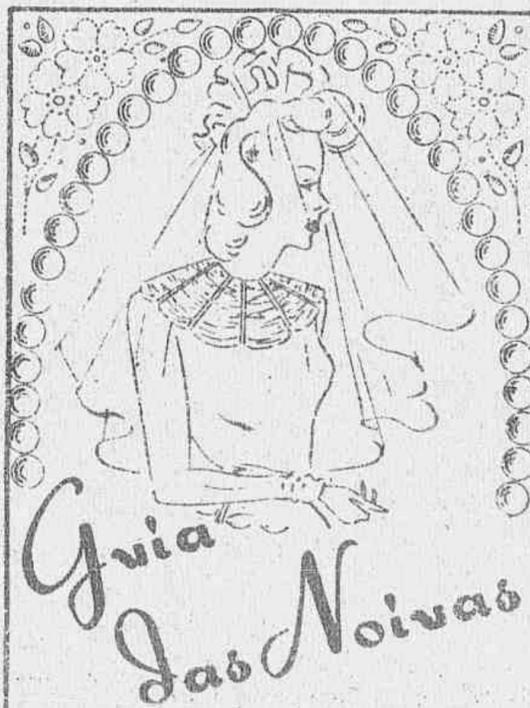
PREÇO: Cr\$ 20,00

Motivos para Bordar

ALBUM N.º 3

BELÍSSIMA variedade de desenhos para pequenas peças. Páginas coloridas que reúnem figuras, enfeites, monogramas, etc. tudo de aplicação muito útil, para uso pessoal e para adorno do lar.

Cr\$ 15,00



Guia das Noivas

ALBUM N.º 5

AFINAL! Aquelas, que em breve realizarão seus sonhos de amor, encontram, neste álbum, delicados modelos para todas as peças do enxoval! Desenhos caprichosamente feitos e explicações minuciosas, que fazem, da execução, um prazer artístico! Deslumbrantes 44 páginas!

PREÇO: Cr\$ 20,00

Novo Ponto de Cruz

ALBUM N.º 4

UM novo álbum apresentado, com as cores próprias, uma interessantíssima variedade de trabalhos painaux, tapetes, guarnições, aplicações, etc. Desenhos originais e na medida da execução.

Desenhos primoresos, em um álbum de mais belo colorido.

Cr\$ 15,00

Todos

estes albums são editados pela Biblioteca de "Arte de Bordar". Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância, ou pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. MALHO

Rua Senador Dantas, 15-5.º and. Caixa Postal, 880 -- Rio.

Arte de Bordar

revista mensal de riscos para bordar

EM "ARTE DE BORDAR", revista mensal de riscos para bordar, encontram-se os mais encantadores motivos desenhados para bordar, na medida dos trabalhos: Lingerie, Lençóis, Toalhas, Monogramas, Ponto de Cruz, Enxoval para as Noivas e para o Bêbê.

Uma infinidade de motivos para bordar para os mais variados fins.

VARIADÍSSIMAS RECEITAS PARA CROCHÊ.

Em cada edição um grande suplemento solto contendo um trabalho especial.

Todos os trabalhos são acompanhados com as mais minuciosas explicações.

MUITOS MODELOS DE TRICOT, PARA, SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS.

NUMERO AVULSO CR\$ 7,00
Assinaturas - 12 meses - cr\$ 80,00 - 6 meses - cr\$ 42,00
À venda em todos os jornaleiros e livrarias
Pedidos pelo reembolso à S. A. "O Malho"
R. Senador Dantas, 15 - 5.º - Rio

